Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 31.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 744 / € 2,00 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

LUTO NACIONAL

ANTÓNIO 36 ANOS CASADO, UM FILHO

DANIEL 35 ANOS CASADO, DOIS FILHOS

FÁBIO 34 ANOS CASADO, TRÊS FILHOS

PEDRO 45 ANOS CASADO, DOIS FILHOS

TIAGO 29 ANOS SOLTEIRO (DESAPARECIDO)

"É um dia muito, muito triste para Portugal"
Luís Montenegro, primeiro-ministro

"O valor do serviço e do compromisso que transcende o dever de quem se dedica e dá a vida pela segurança de todos os portugueses"
Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República

ÚLTIMA

Quatro militares da GNR que regressavam do combate ao incêndio de Baião morreram na queda do helicóptero que os transportava. Tiago continuava desaparecido, ao início da noite de ontem. As buscas continuavam no Rio Douro.

ESTELA SILVA / LUSA

MENOS DE 1% DOS IMIGRANTES FISCALIZADOS PELA GNR DESDE JUNHO ESTAVAM EM SITUAÇÃO IRREGULAR

BALANÇO Desde a mudança na Lei dos Estrangeiros, em junho, quase 7000 cidadãos estrangeiros foram fiscalizados pela GNR, que "continuará a intensificar a sua ação." A PSP também realiza operações.

PÁGS. 4-5

Casimiro Morgado
O português que chefiou as "secretas" da UE quer relevância para a *intelligence* nacional

PÁG. 8

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT

ALEXANDRE MEIRELES
CEO DA INTEGRAL E EX-PRESIDENTE DA ANJE

"A palavra que mais gosto de dizer é sim. Não gosto de pessoas negativas"

PÁG. 17

Entrevista a Marta Pais Oliveira
"Há neste livro (*Faina*) mulheres que não esperam na praia e querem ir ao mar"

PÁGS. 24-25



Veneza
Os pecados da carne de Cate Blanchett e Nicole Kidman

PÁG. 27

APREENDIDAS 18 TONELADAS DE COCAÍNA EM OITO MESES

PÁG. 12



Até ver...

Pedro Sequeira
Editor Executivo do Diário de Notícias

Prender os médicos é deixá-los fugir

Os resultados da 1.ª fase do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior deram bons sinais no que diz respeito à procura dos jovens estudantes por formação em duas áreas estruturais para a sociedade e que precisam de mais quadros. Na Educação, foram ocupadas todas as vagas disponíveis nas 21 licenciaturas em Educação Básica, os cursos que formam os professores. É um bom sinal, desde que cheguem de facto às escolas, já que a classe docente carece de renovação urgente – mais de metade dos profissionais têm 50 anos ou mais e quantidade de professores que se reforma não para de aumentar.

Outra área fundamental, e que também registou um aumento da procura por parte dos futuros universitários, é a Medicina, tendo sido colocados 1661 alunos, o maior número de sempre. Embora esteja a perder protagonismo para as engenharias no que diz respeito às médias mais altas dos alunos (Engenharia Aeroespacial voltou a destacar-se nesse aspeto), ser médico continua a ser a ambição de milhares de jovens pelo país fora.

Seja por uma questão de vocação, por tradição familiar, por a profissão dar garantias de empregabilidade (a prestação de cuidados de saúde será sempre uma necessidade para o ser humano), ou por outra razão qualquer, a verdade é que as sucessivas más notícias que vêm do Setor da Saúde não parecem demover os alunos na hora de selecionar o Curso de Medicina. O excesso de horas extraordinárias que prejudica o bem-estar físico e psicológico de quem está na profissão; internos escalados para vários turnos nas Urgências para colmatar a falta de especialistas; os constrangimentos de toda a espécie que se vivem no SNS e que preenchem o ciclo noticioso; os baixos salários que auferem no início da carreira; o défice crónico de profissionais no serviço público que resulta também em escassez de médicos formadores que ensinem e assegurem a capacitação dos jovens clínicos em ambiente hospitalar – numa entrevista recente ao DN, Rita Ribeiro, presidente da Associação Nacional de Estudantes de Medicina, revelava a existência de casos de um tutor para 15 alunos –; há hoje um conjunto de razões e de alertas, bem públicos, que podem afastar os mais jovens da profissão se não forem encontradas soluções.

Mesmo assim, apesar desse perigo, após o anúncio de Luís Montenegro sobre a abertura de novos Cursos de Medicina nas Universidades de Évora e de Trás-os-Montes, voltou à praça pública uma ideia já defendida pelo PS, e que constou do último programa eleitoral, de instituir um período de ligação obrigatória dos médicos ao SNS após concluírem a especialização. O objetivo seria não só travar a fuga para o setor privado como também garantir que o Estado seria, de algum modo, compensado pelo investimento que foi feito na formação académica dos jovens médicos nas universidades e hospitais públicos do país. Outra hipótese ainda mais radical seria obrigar os médicos a pagarem para sair.

Desde logo, a ideia parece esquecer que os médicos, após o curso, têm por norma até seis anos de ligação garantida com o serviço público para poderem fazer o internato geral e o internato de especialidade no SNS (embora, neste último caso, esteja a subir a quantidade dos que escolhem ser indiferenciados, sem especialidade, podendo prestar serviço como tarefeiros, o que lhes rende mais dinheiro do que se estivessem nos quadros).

Depois, a ir em frente, a proposta abriria uma Caixa de Pandora: se os médicos ficam obrigados a compensar com tempo de serviço o Estado pela sua formação, porque não fazer o mesmo com os professores que vão para o privado, com os enfermeiros que emigram, com os formados em Direito que podiam ajudar o país a recuperar dos atrasos crónicos da Justiça?

A falta de médicos não se resolve com imposições que discriminem uns estudantes em relação a outros. Numa sociedade moderna e em evolução, a escolha dos jovens por um curso rege-se, cada vez mais, por critérios bastante pragmáticos: Que escolha me traz maior probabilidade de encontrar trabalho? Qual me oferece mais estabilidade financeira? Qual me pode assegurar mais qualidade de vida?

Se, nesse momento de escolha inicial, os alunos perceberem que a Medicina os pode impedir, após a formação, de darem o rumo que bem entenderem à sua vida profissional, quantos não irão tomar outra decisão que não uma que os deixe amarrados a compromissos futuros quando ainda nem sequer uma aula tiveram na faculdade?

O reforço das condições de trabalho é o único caminho viável para atrair mais médicos (e, já agora, reter os que já estão no SNS). Há que lhes pagar melhor. Há que os formar melhor. Há que lhes dar tempo e espaço para que adquiram as competências técnicas e práticas para atenderem e tratarem os utentes. Há que lhes garantir que têm hipótese de equilibrar vida pessoal e profissional sem atropelos constantes das escalas.

Se o caderno de encargos para o estudante de Medicina se tornar tão oneroso que os desvie desse caminho, ainda vamos dar por nós a perguntar aos engenheiros aeroespaciais se não serão capazes de desenrascar umas horas nas Urgências dos hospitais ou a dar umas consultas no centro de saúde local. Afinal, com médias tão altas para entrar na Universidade, talvez possam aprender rapidamente a estancar uma hemorragia, a tratar uma fratura exposta ou a diagnosticar um cancro de pele. Isso, claro, se já não tiverem emigrado.

OS NÚMEROS DO DIA

1059

MILHÕES DE EUROS
O Estado registou um excedente de 1059,8 milhões de euros até julho, um decréscimo de 3922,4 milhões face ao mesmo mês do ano anterior, divulgou a Direção-Geral do Orçamento. É a primeira vez desde março que o saldo das Administrações Públicas é positivo.

6,5

TONELADAS
A Polícia Judiciária (PJ) apreendeu mais de 6,5 toneladas de cocaína num armazém da Região Centro e deteve três pessoas. A quantidade de droga, que entrou em território nacional por via marítima, seria suficiente para a composição de, pelo menos, 65 milhões de doses individuais de cocaína, segundo a PJ.

5000

PROFESSORES
Cerca de cinco mil professores já têm os dados validados para poder recuperar o tempo de serviço congelado, menos de 10% daqueles que acederam à plataforma para reconhecimento desse tempo, segundo dados da tutela.



31.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.



GNR

Menos de 1% dos imigrantes fiscalizados desde junho estavam em situação irregular

EM TODO O PAÍS Desde a mudança na Lei dos Estrangeiros, em junho, quase 7000 cidadãos estrangeiros foram fiscalizados pela GNR, que "continuará a intensificar a sua ação." A PSP também realiza operações.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Uma notícia de 23 de julho deste ano colocou muitos imigrantes em alerta: três estrangeiros foram detidos pela Guarda Nacional Republicana (GNR) numa operação de fiscalização em Beja, no Alentejo. Os cidadãos estavam em Portugal sem ter feito a declaração de entrada, obrigatória quando a chegada ao país acontece por via terrestre. A ação foi uma das várias realizadas desde o início de junho, mês em que o Governo acabou com as manifestações de interesse, mecanismo que permitia a regularização de estrangeiros sem visto de entrada em Portugal.

Segundo dados obtidos pelo DN junto de fonte oficial da GNR, quase 7 mil cidadãos estrangeiros foram fiscalizados na via terrestre, do início de junho até 16 de agosto, mais precisamente 6995. A média é de 92 cidadãos abordados por dia nas ações de fiscalização. Destes, 15 estavam sem situação irregular ou ilegal, de acordo com a mesma fonte oficial. Em junho e julho foram sete identificações em cada mês e, até 16 de agosto, um imigrante foi encontrado na mesma situação. Os números equivalem a 0,21% do total de cidadãos abordados, ou seja, menos de 1% dos abordados.

Entende-se por situação ilegal ou irregular aqueles que estão no país sem regularização há mais de 90 dias – ou 180 dias, caso tenham solicitado a prorrogação de permanência junto à Agência de Integração, Migrações e Asilo (AIMA), algo difícil perante a falta de disponibilização de vagas para esse serviço e outros.

As ações da GNR foram realizadas em todo o território nacional, com destaque para o sul do país, no Alentejo, onde há uma grande concentração de trabalhadores estrangeiros na produção agrícola, especialmente vindos da Ásia e Médio Oriente. Não é possível fazer uma comparação fiel com o período homólo-



Fiscalização da GNR realizada em Beja.

go: as ações de fiscalização da altura não estavam ligadas à alteração na Lei dos Estrangeiros. A GNR já havia confirmado ao DN que a intensificação das ações terrestres deriva das recentes alterações à lei, em que o Governo anunciou medidas para pôr um fim à chamada imigração irregular. Antes da extinção, a 29 de outubro de 2023, este tipo de ações era executada pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), o que também torna impossível a comparação, uma vez que atualmente a fiscalização está a cargo da GNR e da PSP.

506 cidadãos sem declaração de entrada

Número maior é o de estrangeiros que não efetuaram a declaração de entrada no país e foram apanhados pelos agentes durante as abordagens. A GNR identificou 506 cidadãos nesta situação no mesmo período. No mês de junho, o número de registos foi mais alto, com 253 casos, seguido de 190 em julho e 63 nos primeiros 16 dias de agosto. Assim como no caso citado anteriormente, não é possível fazer uma comparação exata com o mesmo período do ano passado, uma vez que as operações de fiscalização não eram iguais nem realizadas pelos mesmos serviços.

Estes mais de 500 cidadãos entraram no país por uma fronteira não controlada: a terrestre ou em voo doméstico, onde, por norma, não há controlo de passageiros. Quando a chegada acontece num local onde exista controlo de autoridades, a declaração é dispensada. A mesma dispensa ocorre quando o cidadão se instala numa unidade hoteleira do país. Neste caso, a responsabilidade de declaração é de quem é proprietário do estabelecimento e não do hóspede estrangeiro.

Caso o cidadão não se hospede na rede hoteleira, a declaração é obrigatória e deve ser realizada na GNR ou numa unidade da Polícia de Segurança Pública (PSP). O incumprimento da lei tem como consequência uma coima, que varia entre 60 euros e 160 euros. Já a PSP identificou 20 cidadãos em "situações" diversas, entre os 766 estrangeiros que fiscalizou em julho e agosto deste ano, de acordo com dados obtidos pelo DN junto de fonte oficial desta força de segurança.

A PSP também tem o planeamento finalizado para a criação da Unidade de Estrangeiros e Fronteiras (UEF), que contará com 1600 polícias. Além da atuação nos aeroportos e na execução dos processos de retorno, a UEF terá unidades espalhadas pelo território. "A dimensão estrutural contará com unidades regionais de controlo de estrangeiros em diferentes pontos espalhados pelo país", segundo documento ao qual o DN teve acesso. Para que a UEF possa iniciar as atividades são necessárias alterações legislativas, regulamentações e portarias e ainda não há previsão para que isto aconteça.

Já a PSP identificou 20 cidadãos em "situações" diversas, entre os 766 estrangeiros fiscalizados em julho e agosto deste ano, de acordo com dados obtidos pelo DN junto de fonte oficial desta força de segurança.

As ações da GNR foram realizadas em todo o território nacional, com destaque para o Alentejo, onde há uma grande concentração de trabalhadores estrangeiros na produção agrícola, especialmente vindos da Ásia e Médio Oriente.

Mudança de procedimentos

Estas ações fazem parte do Plano para as Migrações, apresentado pelo Governo a 3 de junho, cerca de três meses após o executivo de Luís Montenegro iniciar funções.

Até 90 dias no país, o cidadão é um turista e possui esse prazo máximo para ficar no território. Ao contrário do que ocorria até 3 de junho deste ano, este período não poderá ser usado para obter um título de residência em Portugal, como muitos faziam. A manifestação de interesse foi o principal mecanismo de regularização de estrangeiros nos últimos anos. A estimativa é de que um milhão de pessoas tenha utilizado o procedimento, de acordo com o relatório Gestão das Migrações em Portugal, criado pela Associação Para Memória Futura SEF (APMFSEF) e lançado em julho deste ano.

A mesma associação elogiou o fim das manifestações de interesse. "A revogação recente pelo PSD acaba com uma política migratória de 'venham agora que depois logo se vê', que agravou o tráfico humano, a exploração laboral e fragilidade económica e que gerou uma pressão inimaginável em estruturas de recursos frágeis, como são as da Administração Pública portuguesa", aponta o relatório.

Desde a mudança, sem contar os casos excecionais previstos na lei, não é mais possível obter uma regularização sem visto prévio. O mesmo plano, com 41 medidas, prevê a fiscalização em território nacional de forma especializada. "Criar uma equipa multi-forças de fiscalização para combater abusos (tráfico de seres humanos, imigração ilegal, exploração laboral e violação de direitos humanos)" é um dos objetivos.

A GNR confirmou ao DN que vai continuar com as operações que visam fiscalizar cidadãos estrangeiros para prevenir a imigração irregular, uma das principais metas do atual Governo nesta matéria, mas também por questões de segurança do país. "A Guarda Nacional Republicana (GNR) continuará a intensificar a sua ação no âmbito do controlo de estrangeiros, nomeadamente nas fronteiras e na fiscalização territorial na sua área de jurisdição, para combater e prevenir fenómenos associados à imigração ilegal e contribuir para a segurança interna", afirma a GNR ao DN.

A mesma força também sublinha que pode efetuar prisões em flagrante: "A Guarda Nacional Republicana pode proceder à detenção de cidadãos estrangeiros em flagrante delito nas fronteiras, caso os mesmos entrem indocumentados em território nacional ou não tenham cumprido eventual notificação de abandono voluntário de território nacional, no prazo determinado, e não tenham regularizada a sua situação. Nestes casos, o detido permanece à guarda da entidade policial até ser presente a primeiro interrogatório judicial."

Com o fim do SEF, que era responsável por executar o acompanhamento dos abandonos voluntários, a função passou para a AIMA. No entanto, o atual Governo determinou que a UEF – da PSP – assumirá o serviço, quando estiver em funcionamento.

amanda.lima@dn.pt



"O controlo documental é fundamental para garantir o cumprimento da legislação relativa a estrangeiros e fronteiras. Estamos preparados para garantir a segurança de todos!", lê-se na página da GNR no Facebook.

por Helena Tecedeiro





Mural de Liam e Noel Gallagher em Manchester. Os Oasis voltam no próximo ano.

PAUL ELLIS / AFP



Guterres foi a Díli participar nas celebrações dos 25 anos do referendo de independência. E recebeu a nacionalidade timorense.



Momento em que a Força Aérea israelita interceta e destrói um *drone* lançado pelo Hezbollah.

JALAA MAREY / AFP

Sáb.

Guerra "de volta" à Rússia, diz Zelensky em Dia de Independência

Em Dia da Independência da Ucrânia, foi num vídeo que o presidente Volodymyr Zelensky deixou uma mensagem de otimismo ao seu povo. "A Rússia queria destruir-nos", mas a guerra "voltou para casa", garantiu, dois anos e meio depois da invasão russa da Ucrânia. Neste mesmo dia, o DN foi ouvir dois militares, o major-general Carlos Branco e o major-general João Vieira Borges, sobre o possível desfecho desta atual incursão ucraniana em território russo. "O que a Ucrânia pretende é ocupar território russo para depois ter esse território como moeda de troca e ir a conversações", explicou o primeiro. A Ucrânia pode recuar para uma posição, basta olhar para o mapa, que apresenta um obstáculo natural, o tal rio das pontes", afirmou o segundo. Seja qual for o desfecho que venha a ter, uma coisa é certa, Zelensky conseguiu não só surpreender o mundo – e o próprio Putin – e voltar a colocar a Ucrânia nas notícias ao desafiar o Urso russo na sua toca.

Dom.

Israel e Hezbollah sobem tensão mas evitam escalada

Desde a morte do comandante do Hezbollah Fuad Shukr num bombardeamento israelita, a 30 de julho, em resposta ao ataque que vitimou 12 crianças nos Montes Golã três dias antes, que se esperava uma escalada na tensão na fronteira entre Israel e o grupo xiita libanês apoiado pelo Irão. A "1.ª fase" desse agudizar da violência terá acontecido nesta madrugada, com o Hezbollah a anunciar o disparo de 320 *rockets Katyusha* e "um grande número de *drones*", atingindo 11 alvos militares israelitas e as Forças Armadas de Israel a garantir ter impedido um ataque com milhares de *rockets* do grupo xiita libanês, tendo para isso recorrido a uma centenas de caças. Para já a escalada maior parece ter sido adiada e a guerra aberta evitada, mas com Netanyahu a dizer que este "não é o fim da história" e Nasrallah a ameaçar com mais ataques podemos mesmo só ter adiado o inevitável.

2.ª

Sismo fez tremer Portugal. Mas será que algo muda?

"Então, sentiste o sismo?" terá sido uma das frases mais repetidas neste dia pelos portugueses. As respostas variavam entre os que apanharam um valente susto ao acordarem pouco depois das 5.00 da manhã com a casa a tremer devido ao abalo de 5,3 na escala de Richter, e os que continuaram a dormir, só dando por ela quando viram as notícias ao acordar. Sem ter causado danos, o terramoto trouxe críticas à demora da Proteção Civil em divulgar informação – só o fez meia-hora depois através do Facebook –, voltou a falar-se da preparação dos edifício para resistir a um abalo mais forte e a comentar que devíamos ter uma mochila em casa com bens básicos para casos de emergência. Mas a verdade é que passados dois dias, o país voltou a focar-se nas *rentrées* políticas e no Sporting-FC Porto do fim de semana, deixando por ter o verdadeiro debate: o que teria acontecido se Portugal tivesse sofrido uma catástrofe como a de 1755? Este ensaio-geral serviu para percebermos uma coisa: a população não está preparada. Esperemos que os nossos líderes tomem as medidas necessárias. Antes que seja tarde.

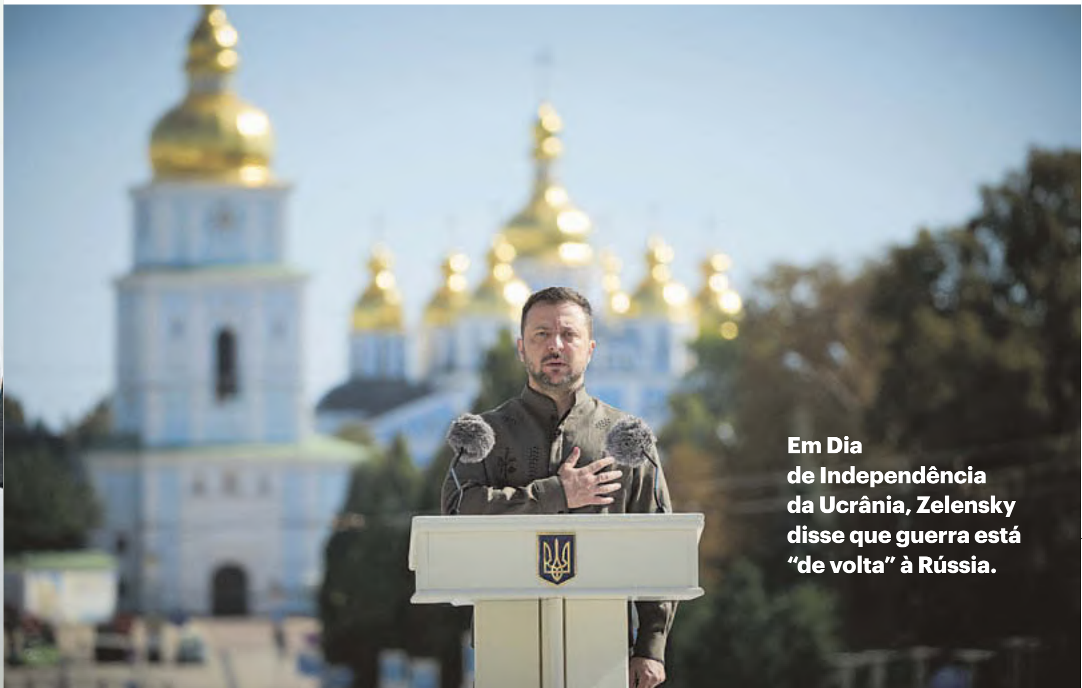
3.ª

Os Oasis vão voltar e trazem com eles os Anos 90

Quem, como eu, foi adolescente nos Anos 90 terá com certeza bem presente na memória a rivalidade entre os Oasis e os Blur pelo título de principal banda do *britpop*. E quer se fosse mais fã dos mais mal-humorados manos Liam e Noel Gallagher – em 2022 vi o concerto do Liam no Rock in Rio – ou do loirinho Damon Albarn e seus rapazes –, que vi no ano passado no Meo Kalorama num momento de puro revivalismo –, a verdade é que era quase impossível ser indiferente a estas bandas. Sendo assim, e apesar dos rumores que já circulavam, não deixou de me causar um certo *frisson* a notícia de que os Oasis vão regressar para uma *tournée* em 2025, após 15 anos de separação. Os irmãos que nos deram êxitos como *Wonderwall* ou *Don't Look Back in Anger* anunciaram nas redes sociais "*This is it. It is happening*" ("É desta! Está a acontecer"). O *tour* começa a 4 de julho em Cardiff. Esperemos que desta vez a reunião não termine com uma valente briga e uma guitarra partida.



PAULO NOVAIS / LUSA



SERGEI CHUZAVKOV / AFP

Em Dia de Independência da Ucrânia, Zelensky disse que guerra está "de volta" à Rússia.



EPA / ANDRE PAIN

Macron recebeu Starmer em Paris depois de visita do primeiro-ministro britânico a Scholz em Berlim.



REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Maria Luís Albuquerque é a candidata de Portugal à Comissão Europeia.



TIAGO PETINGA / LUSA

Sismo desta segunda-feira foi uma espécie de "teste" à Proteção Civil – aqui em reunião com Paulo Rangel.

4.ª

Maria Luís Albuquerque nomeada, começa luta pela Comissão

O anúncio de Maria Luís Albuquerque como candidata portuguesa à Comissão Europeia foi tudo menos uma surpresa, ou não fosse o nome da ex-ministra das Finanças de Pedro Passos Coelho um dos favoritos nas listas de possíveis escolhas de Luís Montenegro. Ora se a oposição logo veio recordar a ligação de Albuquerque às políticas de austeridade impostas pelo Governo social-democrata na altura da *troika*, é pouco provável que a ex-ministra tenha dificuldades em ser aprovada pelo Parlamento Europeu, onde o Partido Popular Europeu, a que o PSD pertence, mantém a maioria. Mas a verdadeira batalha começa depois, uma vez que Portugal, se até optou por uma mulher, como Ursula von der Leyen desejava, decidiu juntar-se à longa lista de países que escolheram candidatos com perfis ligados à economia e finanças. O que antecipa uma luta pelas pastas relacionadas com estes temas. Uma luta na qual Portugal, tendo já um alto cargo europeu, o novo presidente do Conselho Europeu, António Costa, poderá estar em desvantagem. Ou será que não?

5.ª

Starmer faz *reset* na relação com UE mas *Brexit* é para ficar

Depois de na quarta-feira ter sido recebido por Olaf Scholz em Berlim, Keir Starmer foi a Paris encontrar-se com o presidente Emmanuel Macron, numa nova etapa do seu périplo pelas capitais das duas maiores economias da União Europeia. Uma viagem que o primeiro-ministro trabalhista vê como um *reset* às relações entre o Reino Unido e os países da UE depois do *Brexit*. Um reiniciar, oito anos depois de os britânicos terem votado em referendo a saída da UE, em que os dois líderes não tiveram de se esforçar muito para encontrar interesses comuns, desde a ajuda à Ucrânia, passando pela questão dos migrantes, que cada vez mais atravessam o Canal da Mancha em busca de uma vida melhor, ou o crescimento económico. Após 14 anos de Governos conservadores, o Reino Unido voltou a 4 de julho a ter um primeiro-ministro trabalhista. E Starmer parece disposto a reaproximar-se dos parceiros europeus, mesmo se descartar qualquer reversão do *Brexit*. Isto, apesar de mais de metade dos britânicos dizerem hoje lamentar a saída da UE.

6.ª

25 anos depois do referendo Timor com novos desafios

Em entrevista dada ao DN do aeroporto onde se preparava para embarcar para Díli, Ana Gomes recordou o processo que há 25 anos levou ao referendo em que 78,5% dos timorenses votaram pela independência. "Para Timor, foi fundamental a conversa dura de Guterres com o presidente Clinton a ameaçar retirar do Kosovo", explicou antes de seguir para as celebrações da consulta popular que poria fim à longa ocupação indonésia. O próprio Guterres, agora secretário-geral da ONU, também esteve por Díli, tendo recebido "com profundo orgulho" a nacionalidade timorense. E enquanto o agora presidente Ramos-Horta, cujo Nobel da Paz em 1996 foi um marco no caminho para a independência, saudou 25 anos de "liberdade, soberania e reconciliação", recordando "os sacrifícios do nosso povo", a presidente do Parlamento, Fernanda Lay, lembrou que os desafios de Timor hoje são "diferentes, mas também importantes", destacando que "a pobreza ainda aflige muitos", a "falta de oportunidades" para os jovens, a educação académica e profissional e o acesso universal aos cuidados de saúde.

"Invoca-se sempre o nosso passado traumático para não dar a relevância à *intelligence* que ela merece"

BALANÇO A completar cinco anos de mandato como diretor do EU Intelligence and Situation Centre, o português que dirige as "secretas" europeias, está de regresso a Portugal. Numa rara entrevista à Associação de Auditores de Defesa Nacional, Casimiro Morgado, nome apontado para o SIRP ou SSI, faz um balanço e deixa a sua avaliação.

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

"Apesar de, progressivamente, ao longo dos anos ter podido constatar que as informações ganharam mais relevância no apoio ao processo de decisão política, ainda, em muitos aspetos, estamos longe do que se passa ao nível dos Estados-membros da União Europeia (UE)", assinala o diretor do EU Intelligence and Situation Centre (EU-INTCEN), o português Casimiro Morgado, referindo-se a Portugal. Numa rara e exclusiva entrevista à Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional (AACDN), a que o DN teve acesso em primeira mão, o antigo diretor do Serviço de Informações Estratégicas de Defesa (SIED), lamenta que continue a ser invocado "o nosso passado traumático para não dar a relevância à *intelligence* que ela merece como instrumento fundamental dos Estados de Direito Democrático". Outros países com idênticas experiências", sublinha, "reconheceram já quão relevantes as informações são e dotaram os respetivos Serviços dos meios necessários para enfrentar as ameaças atuais, mais desafiantes e sofisticadas do que nunca".

Na entrevista conduzida pelo presidente da AACDN, António Brás Monteiro, Casimiro Morgado – cujo nome tem sido um dos apontados no setor para ocupar dois cargos de relevo: o de secretário-geral do Sistema de Informações da República Portuguesa (SIRP), de onde vai, até janeiro, sair a embaixadora Graça-Mira Gomes; e o de secretário-geral do Sistema de Segurança Interna, vago desde a saída do embaixador Paulo Vizeu Pinheiro, no passado dia 22 – destaca que, "com papel relevante para as mais recentes crises, como a invasão da Ucrânia pela Rússia, nos últimos anos a *intelligence* ganhou uma importância nunca vista no apoio ao processo de tomada de decisão da UE".


Casimiro Morgado, chefe das "secretas" da União Europeia.

STEVEN GOVERNO / ARQUIVO – GLOBAL IMAGENS

Este Centro de Inteligência e de Situação da UE, que faz parte do Serviço Europeu de Ação Externa, não tem capacidades operacionais, nem espiões próprios. "Produz inteligência estratégica e não tático-operacional", explica Morgado.

O Centro tem, ainda assim, uma Divisão de Fontes Abertas que este dirigente classifica como "muito relevante e que tem por função essencial apoiar a Divisão de Análise", bem como tem acesso às imagens recolhidas pelo Centro de Satélites da UE, "que são fundamentais e muitas vezes mesmo determinantes para a produção de *intelligence*".

Por isso este Centro, tal como a sua contraparte militar, depende "quase exclusivamente das contribuições dos Serviços dos Estados-membros. Digo quase exclusivamente, pois começa a ser mais frequente a partilha, não ainda muito relevante, de *intel* por outros Estados parceiros da UE, em especial no que toca a crises cuja resposta exige muitas vezes posições comuns ou pelo menos concertadas".

> Casimiro Morgado é um dos nomes apontados para dirigir o Sistema de Informações da República Portuguesa ou o Sistema de Segurança Interna.

Reforço da *intelligence* europeia

Nesta entrevista à AACDN, Casimiro Morgado salienta que "está em desenvolvimento o processo de reforço do Single Intelligence Analysis Capacity (SIAC), a concluir até 2025, compromisso assumido no âmbito da Bússola Estratégica para a Segurança e Defesa, aprovada em 21 de março de 2022". Explica que "a ideia subjacente" a este reforço "é criar as condições para que o papel das entidades que produzem *intel* na UE seja cada vez mais semelhante ao dos Serviços dos Estados-membros, não ao nível das competências, mas ao nível dos meios e das estruturas que permitam agilizar o relacionamento intra-institucional e com os Serviços dos Estados-membros".

Morgado espera, que este processo permita ao Centro de Inteligência e à sua contraparte militar "estabelecer a estrutura interna, com o respetivo reforço de meios, que permita desempenhar de forma cada vez mais eficiente a sua missão, sobretudo tendo em conta os desafios atuais e futuros".

O diretor dos serviços de informações da UE revela que, durante os cinco anos que esteve em funções, "muitas vezes" foi confrontado, por parte de "relevantes" decisores, com a seguinte afirmação: "A UE é um ator global que necessita de *intelligence* para melhor tomar as suas decisões. Se os Estados-membros não estão disponíveis para partilhar a sua *intel* é obrigação da UE criar os mecanismos necessários para suprir essa necessidade".

Casimiro Morgado licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa e foi professor na Universidade Lusíada, no Porto. Foi diretor regional do Serviço de Informações de Segurança (SIS), no Porto, chefe de gabinete de Júlio Pereira, antigo secretário-geral do SIRP, e sucedeu a Jorge Silva Carvalho como diretor-geral do Serviço de Informações Estratégicas de Defesa (SIED). Concorreu ao atual cargo, onde está desde setembro de 2019.


FOCUSCELEBRATION / GLOBAL IMAGENS

Maioria PSD/CDS aprovou em 2015 a obrigatoriedade de aconselhamento psicológico e social às mulheres, o fim do registo dos médicos objetores de consciência e a introdução de taxas moderadoras obrigatórias em caso de interrupção voluntária da gravidez.

Alargar prazo para IVG? Proposta socialista deixa Governo em silêncio

MUDANÇAS Chega recusa "mexidas" na lei. IL e CDS querem saber mais detalhes da proposta do PS. BE, PCP e Livre defendem alargamento dos prazos. Governo não comenta propostas de alteração socialistas.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO** E **ARTUR CASSIANO**

A Juventude Socialista (JS) preparou um anteprojeto de lei para alargar o período legalmente previsto para a interrupção voluntária da gravidez (IVG), passando das atuais 10 para 12 ou 14 semanas, o que pode voltar a fraturar o hemiciclo. Enquanto a direita precisa de mais dados para se pronunciar sobre o tema, ainda que as posições até aqui tenham sido de rejeição, a esquerda caminha para um consenso: acompanhar a proposta do PS.

Luís Montenegro já garantiu, por mais de uma vez, que "esse assunto [alterações à lei da IVG] é um assunto que está absolutamente arrumado. Nós não vamos ter nenhuma intervenção nesse domínio" – argumento também usado por Paulo Portas.

Neste caso, não ter "nenhuma intervenção" dado que há um anteprojeto de lei do PS – que prolonga o prazo da IVG das 10 para as 12 ou 14 semanas –, e que até já está pronto como revelou o *Expresso*, significa o quê? E a garantia abrange somente esta legislatura? Que fará o grupo parlamentar do PSD?

Silêncio. Esta foi a resposta do gabinete do primeiro-ministro. A ministra da Saúde também entendeu não revelar, por agora, se há disponibilidade para acolher a proposta do PS sobre a IVG e ainda sobre a "urgência" em criar a regulamentação da objeção de consciência dos profissionais de saúde.

> *"Esse assunto [alterações à lei da IVG] é um assunto que está absolutamente arrumado. Nós não vamos ter nenhuma intervenção nesse domínio."*
>
> **Luís Montenegro**
> Primeiro-ministro

O CDS, que já afastou recentemente, em julho, quaisquer alterações à Lei do Aborto, só fará comentários, garantiu ao DN Paulo Núncio, líder parlamentar, depois de conhecer na íntegra a proposta socialista.

André Ventura repetiu ontem que não tem intenção de "remexer na legislação da interrupção voluntária da gravidez".

"Não tivemos nenhuma iniciativa nesse sentido, nem pensamos ter", afirmou, referindo que "o Chega não acompanhará quer num sentido, quer no outro, nenhuma mudança atual de legislação".

Mário Amorim Lopes, deputado da IL, disse ao DN ser ainda cedo para tomar uma posição porque ainda "é preciso saber os contornos, a motivação, qual o racional desta proposta".

"Ainda não discutimos internamente no grupo parlamentar esse assunto. Tomaremos posição no devido tempo", afirma o deputado.

Fonte da IL, que considera não ser esta questão premente, considera, por seu lado, haver a ideia no PS de "causar alguma convulsão social" colando o "PSD ao Chega".

O líder da JS, o deputado Miguel Costa Matos, explicou ao DN que 10 semanas é um período "muito curto para as mulheres poderem aceder à IVG", esclarecendo que "cerca de 30% dos hospitais não fazem IVG" e "87% dos obstetras e ginecologistas a trabalhar no SNS recusam-se a realizar o aborto, até às 10 semanas". Adicionalmente, "20% das mulheres que realizaram a IVG não tinham sequer sido atendidas para a primeira consulta dentro do prazo máximo de cinco dias".

> *"Aquilo que nos parece claro é que existem constrangimentos do ponto de vista do acesso [à IVG]."*
>
> **Miguel Costa Matos**
> Deputado e líder da JS

Perante estes dados, o deputado socialista conclui que há vários "constrangimentos do ponto de vista do acesso" à IVG – a JS já defendeu um prazo de 14 semanas.

A líder parlamentar do Livre, Isabel Mendes Lopes, disse ao DN que o partido defende o alargamento do prazo para 14 semanas, porque essa seria a forma da "mulher perceber que está grávida e ter o tempo de refletir, tomar a decisão e desencadear o processo no Serviço Nacional de Saúde [SNS]". Para além disto, há muitos profissionais objetores de consciência, aponta, o que "faz com que haja hospitais inteiros onde não há médicos" que possam fazer IVG, o que impede o recurso a hospitais próximos da área de residência.

Para a deputada do Livre, a conclusão é a de que a IVG "não está a ser assegurada da forma que devia em todo o país".

Também o Bloco de Esquerda assume "um compromisso" nesta matéria, que remonta às "últimas eleições legislativas", para "alargar o prazo da IVG. "Apresentaremos uma proposta no Parlamento, ainda sem data definida", adiantou fonte do partido ao DN.

O PCP lembrou ao DN que também o partido "sempre defendeu" a IVG até às 12 semanas, sendo que, para os comunistas, o que não pode ser secundarizado é "a urgência de assegurar o cumprimento da atual lei no SNS eliminando as dificuldades de acesso à IVG por opção da mulher".

Fonte do partido defendeu ao DN a "implementação das soluções no SNS que garantam o funcionamento das Urgências de Obstetrícia e Ginecologia, pondo fim aos encerramentos".



GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Líder do Chega recordou propostas que apresentou ao Governo.

André Ventura anuncia decisão "irrevogável" e não votará a favor do Orçamento do Estado

CHEGA Troca de correspondência entre PSD e PS apontada como motivo para rutura. IL também faz crítica ao Governo.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A mais de um mês de terminar o prazo para que o Governo entregue a proposta de Orçamento do Estado para 2025 na Assembleia da República, o Chega juntou-se aos partidos que afastam a hipótese de votar a favor do documento. André Ventura revelou ontem a decisão "irrevogável" de abandonar negociações, e disse que, "muito provavelmente", os 50 deputados do partido irão votar contra.

Numa conferência de imprensa, ontem à tarde, o líder do Chega reagiu à notícia do *Expresso* acerca da troca de correspondência entre Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos, com o secretário-geral do PS a requerer informação sobre as contas públicas que o Governo antevê para 2025. Embora o socialista tenha considerado insuficientes os dados recebidos, Ventura descreveu os contactos bilaterais como "uma traição ao eleitorado de direita."

"O Chega foi traído pelo primeiro-ministro. Eu sinto-me traído pelo primeiro-ministro", disse Ventura, para quem as "negociações que não sabíamos que existiam" entre o PSD e o PS são um sinal de quem é o "parceiro orçamental" da Aliança Democrática.

Antecipando que o seu partido "estará fora" da aprovação do Orçamento do Estado, repetiu que "o eleitorado do Chega não aceitará ser usado e manipulado por este Governo."

Ventura acrescentou esperar que as "negociações secretas" resultem, para que "pelo menos não haja uma nova crise política nos próximos meses." Mas não poupou críticas a Montenegro, alegando ter-lhe sido dito que não havia "nenhuma correspondência, contacto e negociação" com o PS. "Não negociamos com mentirosos, nem com traidores", disse o líder do Chega, realçando ter apresentado ao Governo, "de boa fé", propostas que "diriam respeito" ao eleitorado não socialista, como diminuir impostos às famílias e reduzir burocracia às pequenas e médias empresas.

"Que se lixe o país"

Também o líder da Iniciativa Liberal, Rui Rocha, criticou o que disse serem "sinais de cedência" do PSD ao PS, vendo-os como um indício de que "o país vai ter mais do mesmo", apesar do resultado das eleições legislativas.

"Não viabilizaremos um Orçamento que perpetua alguns dos piores vícios políticos, com uma compra de clientelas e sem assegurar reestruturação e reformas", disse Rocha, reiterando que com a IL não houve troca de correspondência. E rematou com a nota de que parecemos estar "num caminho em que o PSD começa a dizer 'que se lixe o país'."



Opinião
Viriato Soromenho-Marques

Portugal no espelho do terramoto

Todos os sismos em Portugal evocam o Terramoto de 1755. A reconstrução de Lisboa expõe a ação excecional daquele que seria imortalizado como Marquês de Pombal. A recente discussão sobre a ausência de legislação e fiscalização adequadas para prevenir o pior, quando se repetir um megassismo em Lisboa, ajuda a perceber o motivo por que uma tão grande parte da elite nacional recusa, alergicamente, estudar o legado da ação política de Pombal.

É impossível resumir o que fez Sebastião José pelo país nos 22 anos como Secretário de Estado dos Negócios Interiores do Reino, o equivalente atual ao cargo de primeiro-ministro (1755-1777). Já nem menciono o percurso anterior como diplomata e Secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra (1738-1755). Mas a sua liderança na reconstrução de Lisboa manifesta o seu estilo singular de governação, grandioso na luz, excessivo na sombra.

Primeiro. A rapidez da resposta de Pombal é inseparável da sua visão da missão do estadista. A essência da política é trágica. Um Estado deve estar preparado para o pior. Para o risco de guerra, mas também para calamidades naturais inesperadas.

Segundo. Importa apostar no conhecimento e no rigor para extrair lições das catástrofes, de modo a minimizar os danos em caso de repetição das suas causas. A Lisboa de hoje, pombalina de alma e corpo, celebra o triunfo do melhor do espírito das Luzes europeias em matéria de urbanismo.

Pombal, como sempre o fez, rodeou-se de colaboradores de grande competência, como Manuel da Maia (1677-1768), Carlos Mardel (1695-1763) e Eugénio dos Santos (1711-1760). Também Ribeiro Sanches (1699-1783) contribuiu com um manual de Saúde Pública.

As bases de uma arquitetura e engenharia antissísmicas foram então lançadas numa perspetiva de futuro. Na mesma linha, está o encorajamento ao estudo científico das causas naturais, e não providenciais, do terramoto.

Terceiro. De facto, Pombal criou as primeiras políticas públicas portuguesas. Com leis, explicativas para poderem ser normativas. Imbuídas dos princípios da igualdade e da universalidade, numa sociedade encalhada no lodo medieval, assente na violência da segmentação e no império dos privilégios de sangue.

Quarto. Para mudar Portugal seria preciso conhecer o seu chão e as suas gentes. *As Memórias Paroquiais* de 1758, solicitadas por sua iniciativa no rescaldo do terramoto, dão-nos disso uma prova clara. Usando como campo de recolha a organização territorial da Igreja, solicitava-se a resposta a uma bateria de 60 perguntas divididas em três partes. O questionário vai muito mais longe do que qualquer recolha de dados obtida anteriormente, nomeadamente um exercício efetuado ao tempo de D. João V, em 1732, da responsabilidade do marquês de Abrantes, que se limita a identificar a existência de 2 143 368 habitantes e 459 800 fogos. Ainda hoje a informação pombalina serve para desenhar mapas de risco sísmico.

> **"Até um dos insucessos de Pombal, o fracasso do Colégio dos Nobres, talvez nos ensine que sem vencer a massa crítica da mediocridade, nenhuma elite reformadora terá êxito."**

Quinto. Entre Estados reina a frieza dos interesses. A comoção dos povos europeus para com Portugal em 1755, não impediu a invasão do país, logo em 1762, por um poderoso Exército franco-espanhol. A rapidez de Pombal, organizando uma força luso-britânica de 15 000 homens, sob o comando do conde e marechal alemão Wilhelm von Schaumburg-Lippe, contra um inimigo 3 vezes superior, permitiu uma notável e rápida vitória. A resistência popular também foi fundamental para vencer essa "Guerra Fantástica".

O país é hoje uma pequena autarquia no pandemónio em que se transformou a UE. Num mundo a arder, alienámos tudo o que é existencial (moeda, defesa, negócios estrangeiros) ao cuidado de Washington/Bruxelas. Contudo, nem o que sobra – Saúde, Educação, Justiça – conseguimos salvar do declínio.

Até um dos insucessos de Pombal, o fracasso do Colégio dos Nobres, talvez nos ensine que, sem vencer a massa crítica da mediocridade, nenhuma elite reformadora terá êxito. Pelo contrário, a porosa mediocridade tenderá a minar o Estado, colocando em perigo o futuro coletivo.

Professor universitário



Opinião
Maria de Lurdes Rodrigues

Conhecimento e condições para uma reforma da Justiça

Toda a política pública requer a mobilização de informação e conhecimento para definir com clareza e rigor o problema, os seus contornos e as suas causas, mas também para desenhar as soluções possíveis e as decisões a tomar. Em regra, existem várias visões sobre os problemas e as soluções, refletindo-se esse pluralismo em acesas controvérsias. Se são difíceis os consensos sobre a natureza dos problemas e as suas possíveis soluções, mais difíceis são os processos de negociação e de criação de condições políticas para a concretização das decisões.

Há áreas da intervenção pública em que a resolução dos problemas é mais difícil. Ou porque não há conhecimento e informação para informar a decisão, ou porque o campo está tomado por dinâmicas alimentadas por grupos de interesse com visões divergentes e extremadas. Pergunto-me muitas vezes por que tem sido tão difícil encontrar soluções e resolver os problemas da Justiça? Falta conhecimento e informação sobre os problemas ou as soluções? Faltam condições políticas para a sua concretização? O que falta?

1. Conhecimento sobre os problemas da Justiça em Portugal não falta. Desde meados dos Anos 90 que se multiplicaram os livros sobre o estado da Justiça no Portugal democrático. Destaco alguns exemplos: os livros pioneiros *Os Tribunais nas Sociedades Contemporâneas*, coordenado por Boaventura Sousa Santos, Maria Manuel Leitão Marques e Pedro Lopes Ferreira, e *Justiça em Crise? Crise da Justiça*, coordenado por António Barreto, publicados, respetivamente, em 1995 e 2000. Mais tarde, em 2003, o livro *Interrogações à Justiça*, coordenado por António Araújo, Daniel Proença de Carvalho, Francisco Sarsfield Cabral, Gomes Canotilho e Sofia Pinto Coelho. Mais recentemente, em 2017, o livro *40 Anos de Políticas de Justiça em Portugal*, publicado em 2017, coordenado por mim, Maria de Lurdes Rodrigues, com Nuno Garoupa, Pedro Magalhães, Conceição Gomes e Rui Guerra Fonseca.

Estes livros têm em comum o facto de resultarem da compilação de estudos, pareceres, análises, reflexões, opiniões e testemunhos de peritos, académicos, políticos e operadores do Sistema de Justiça como juízes, advogados, procuradores do MP, membros dos conselhos superiores, e dirigentes de sindicatos. Contêm visões externas e internas do Sistema de Justiça, análises críticas plurais e estudos descritivos baseadas em dados e informações. Contêm diagnósticos e propostas de soluções, incidem sobre as diferentes componentes do complexo Sistema de Justiça, desde os corpos legislativos aos tribunais e ao Ministério Público, e discutem a organização, funcionamento e gestão das instituições.

Se aos livros juntarmos a produção de inúmeros artigos especializados ao longo das últimas décadas, por diferentes autores, ou ainda os relatórios e estudos comparados publicados por organismos internacionais como a OCDE, podemos dizer que não nos falta conhecimento plural sobre o funcionamento do Sistema de Justiça e os seus problemas principais. Se não nos falta conhecimento, escasseia consenso, quer sobre a natureza e as causas dos problemas, quer sobre as possibilidades da sua resolução. De diferentes visões sobre os problemas resultam em geral soluções diferentes, muitas vezes com sentidos opostos. Porém, é consensual que existem problemas e que estes residem principalmente na Justiça Penal, sobretudo no domínio da investigação, bem como na Justiça Administrativa e Fiscal.

A existência de problemas graves, que colocam em risco o Estado de Direito e as liberdades e garantias dos cidadãos, é confirmada pela divulgação, com aparato mediático, de casos que revelam aos cidadãos procedimentos e modos de aplicação da legislação: as buscas domiciliárias por arrasto, as prisões preventivas ou detenções para investigar, a quebra do segredo de justiça e os julgamentos na praça pública, a desproporção dos meios mobilizados para recolha de material ou documentos, a construção de megaprocessos intermináveis que tornam ineficaz a investigação, impossível a acusação e o julgamento em tempo útil, os erros da acusação e a falta de profissionalismo ou mesmo de competência na investigação, a incapacidade para triar e avaliar a pertinência das denúncias ou indícios de natureza subjetiva. Tudo acompanhado de artigos de opinião e declarações públicas de peritos, de advogados, de profissionais e membros das corporações, de operadores judiciários, de ex-responsáveis e ex-dirigentes do Sistema de Justiça, confirmando que os problemas que colidem com os princípios do Estado de Direito residem, sobretudo, nos domínios da Justiça Penal, Administrativa e Fiscal.

2. A resolução destes problemas tem sido ao longo dos anos muito difícil por várias razões. Destaco quatro.

Em primeiro lugar, generalizou-se a ideia de que o Sistema de Justiça não é parte do poder político democrático – à Justiça o que é da Justiça e à política o que é da política. Porém, o poder judicial (tribunais) é parte do sistema político, a par do poder legislativo (Parlamento) e do poder executivo (Governo). Os três poderes constitucionalmente instituídos são separados e gozam de autonomia, não sendo admissíveis interferências mútuas, isto é, interferências do Governo ou do Parlamento na atividade das instituições da Justiça (politização da Justiça) ou interferências da Justiça na atividade do Parlamento ou do Governo (judicialização da política). Apesar da definição das políticas de justiça, da organização e funcionamentos das suas instituições e da atribuição de recursos humanos e financeiros serem competências dos poderes legislativo e executivo, todas as propostas de solução apresentadas (veja-se o caso do Compromisso com a Justiça proposto pelo PSD) são geralmente entendidas como ataques à autonomia do poder judicial por parte de governantes e deputados.

> **"A Justiça-espetáculo, ao contrário do que se poderia supor, não beneficia ninguém."**

Em segundo lugar, o fechamento corporativo alimentado pelo ativismo de dirigentes sindicais. O fechamento impede a maioria dos agentes do Sistema de Justiça de reconhecerem sequer a existência de problemas, colocando-se num estado de permanente negação. Sustenta, ainda, uma argumentação que transforma os críticos, isto é, todos aqueles que criticam, observam ou apresentam alguma sugestão de reforma da Justiça, em "outros", em inimigos (vejam-se as reações ao *Manifesto dos 50* subscrito por vários cidadãos).

A terceira dificuldade é a paralisia provocada por desconfianças cruzadas. A abertura discricionária de inquéritos pelo Ministério Público, que criminalizam decisões tomadas por titulares de cargos públicos ou políticos, ou a propostas de legislação no Parlamento, generalizaram um clima de desconfiança, de suspeição sobre a atividade política, que provoca a paralisia e impede a procura de soluções. Nomeadamente quando se prolonga no tempo, sem fim à vista. A existência de um processo que envolve um ex-primeiro-ministro, cuja investigação se arrasta há mais de 10 anos, tardando a acusação e o julgamento, alimenta aquela desconfiança, quando a sua resolução em tempo útil poderia libertar o país do peso da suspeição que alastra a toda a classe política.

Finalmente, o quadro da opinião pública. A Justiça-espetáculo, ao contrário do que se poderia supor, não beneficia ninguém. É prejudicial à imagem das instituições de Justiça e dos seus operadores, como é prejudicial às restantes instituições democráticas, porque alimenta opiniões negativas sobre a atividade política em geral. Mas, sobretudo, torna muito difícil o debate público rigoroso, construtivo e informado de que necessitamos.

Ex-ministra da Educação e subscritora do Manifesto dos 50 pela Reforma da Justiça

Apreendidas 18 toneladas de cocaína em oito meses

ESTUPEFACIENTES O tráfico de cocaína continua em crescendo em direção à Europa e a Polícia Judiciária não tem mãos a medir, apesar de se baterem recordes de apreensões todos os anos. Desde janeiro até esta sexta-feira, a quantidade que foi confiscada aos narcotraficantes já está a aproximar-se a grande velocidade das 21,7 toneladas do ano passado e é o segundo maior valor dos últimos 15 anos.

TEXTO **VALENTINA MARCELINO**

"É como um íman para as organizações criminosas, gerador de elevados lucros", sublinha ao DN Artur Vaz, diretor da Unidade Nacional de Combate ao Tráfico de Estupefacientes (UNCTE) da Polícia Judiciária (PJ), pouco depois de terminar uma conferência de imprensa onde divulgou alguns pormenores da última grande apreensão de 6,5 toneladas de cocaína, em duas operações.

Desde o início do ano, até este momento, a PJ apreendeu mais de 17 das 18 toneladas desta droga (a restante foi por outros órgãos de polícia criminal), uma quantidade que se aproxima a passos largos das 21,7 toneladas do ano passado (mais 31,4% que no ano anterior), de acordo com o relatório de 2023 sobre o Combate ao Tráfico de Estupefacientes em Portugal, a quantidade mais elevada apreendida pelas autoridades na última década e meia. As 18 toneladas deste ano já são a segunda maior quantidade de confiscada desde há 15 anos.

"Continua a chegar muita, mesmo muita cocaína à Europa", reconhece Artur Vaz. Este tipo de narcotráfico tem origem, principalmente, em países da América do Sul, com destaque para o Equador, Costa Rica e Colômbia, mas também se começam a destacar alguns países da África Ocidental, como é o caso da Guiné Bissau. O Brasil continua a ser um ponto de trânsito, embora comece a perder alguma relevância para o Equador.

> "Continua a chegar muita, mesmo muita cocaína à Europa", reconhece Artur Vaz. Este narcotráfico tem origem, principalmente, na América do Sul.

Em relação à apreensão anunciada ontem – uma operação que também contou com a colaboração da Autoridade Tributária e Aduaneira, que tem competências nos portos marítimos, tendo sido o Porto de Setúbal a porta de entrada de um dos contentores envolvidos –, o diretor da UNCTE atestou que a cocaína veio também da América do Sul, mas não quis divulgar o país de origem "por motivo de reserva da investigação".

Os suspeitos narcotraficantes que tinham tentado colocar no circuito comercial europeu as 6,5 toneladas de cocaína são, maioritariamente, portugueses – três foram detidos pela PJ – e comandavam as operações a partir da Região de Lisboa, com ligações a cúmplices no país de origem.

A investigação foi iniciada há cerca de meio ano e em junho passado a PJ "havia já apreendido mais 2952 quilogramas de cocaína num armazém na Região de Lisboa, pertencente a uma empresa que legalmente havia importado de um país da América Latina vários contentores com fruta, onde a droga vinha dissimulada, empresa essa que era alheia a todo o esquema criminoso".

Em comunicado, a PJ adiantou que, no âmbito do mesmo inquérito, esta semana foram apreendidos cerca de 3600 quilogramas de cocaína, num armazém na Região Centro do país, droga essa que havia chegado dias antes por via marítima no interior de um contentor de farinha de soja, com a mesma origem.

Caso as 6,5 toneladas de droga chegassem aos circuitos de distribuição, seria suficiente para a composição de, pelo menos, 65 milhões de doses individuais de cocaína.

De acordo com o responsável da UNCTE, esta droga "tinha por destino outros países do continente europeu", salientando que a responsabilidade por todas estas importações "é de uma rede criminosa transnacional, com ligação a vários países, que tem capacidade para fazer grandes importações de droga e depois distribuir pelo continente europeu".

Ao DN, Artur Vaz salientou que, em relação a 2023, se mantêm as principais tendências, quer na já mencionada origem, quer no transporte – "a via marítima e os contentores continuam a ser os preferidos" – para fazer entrar a cocaína na Europa, onde, apesar de a procura se ter intensificado, o preço é ainda significativamente mais elevado do que noutras zonas. "Continua a ser um mercado muito apetecível", afiança.

Este alto quadro da PJ assinala ainda que, além das elevadas quantidades de cocaína confiscadas e prontas a serem comercializadas, "têm sido também apreendidos alguns volumes de cocaína ainda em pasta, que são depois transformados em laboratórios próprios, como os três que a PJ já desmantelou no nosso país".

Uma destas operações aconteceu esta semana em Santa Maria da Feira e levou à detenção de três suspeitos – dois estrangeiros e um português –, que ficaram em prisão preventiva.

Em comunicado, a PJ esclareceu que a investigação conseguiu obter "a localização de um armazém isolado, em Santa Maria da Feira, no qual funcionava um 'laboratório', de dimensões consideráveis, destinado à transformação de pasta de coca em cloridrato de cocaína".

No decurso das diligências realizadas na *Operação Tártaro*, nomeadamente em várias buscas domiciliárias e não-domiciliárias, procedeu-se, ainda, à apreensão de diversos automóveis de alta gama.

valentina.marcelino@dn.pt



Operação Tártaro permitiu retirar do mercado internacional 6,5 toneladas de cocaína.

RODRIGO ANTUNES / LUSA

O consumo fumado de cocaína tem vindo a aumentar e também pode provocar sobredosagens fatais.

REINALDO RODRIGUES/GLOBAL IMAGENS

Atividadistas exigem políticas para evitar *overdoses*

CARTA ABERTA Associações e ativistas em redução de danos no uso de drogas pedem, a várias entidades, investimento para impedir mortes.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

A propósito do *Dia Internacional de Sensibilização para a Overdose*, que se assinala hoje, dia 31, várias associações e ativistas alertam para o aumento no número de mortes por *overdose* e pedem medidas preventivas mais eficazes no controlo de danos relacionados com o consumo de droga. Sob o mote *Together We Can*, as associações marcam, ainda, a data com uma carta aberta, dirigida à ministra da Saúde, ao ministro de Estado e das Finanças e à ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, bem como a outras entidades, desde a Santa Casa ao ICAD e aos presidentes de câmara da área metropolitana de Lisboa. Ao DN, Maria Luísa Salazar, assistente social e co-coordenadora do GAT (Grupo de Ativistas em Tratamentos) *in* Mouraria, avança: "É importante assinalar este dia, porque o consumo de substâncias que não são reguladas no mercado acaba por colocar as pessoas que estão mais marginalizadas em risco."

A ativista adverte: "Estas pessoas, muitas vezes, não sabem o que estão a consumir ou se são substâncias que têm adulterantes, ficando assim ainda mais expostas ao risco de *overdose*. Estas mortes são evitáveis, se criarmos políticas públicas e de saúde." Por isso, exemplifica: "Precisamos de começar a pensar em soluções que sejam efetivamente pragmáticas, porque o proibicionismo não as tem trazido. Há casos internacionais de prescrição de heroína medicalizada, como já acontece nos Países Baixos ou na Suíça, a que as pessoas que têm dependência podem recorrer. Quando a pessoa deixa de tomar a substância, e falamos também no álcool, de forma repentina, há risco de saúde e de vida."

Maria Luísa Salazar remete o DN para a carta aberta. "Advogamos que nos últimos anos tem-se registado um aumento no número de *overdoses* em Portugal, e também em todo o mundo. Acreditamos que através de um investimento nas políticas de drogas e redução de danos, é possível fazer uma maior sensibilização e prevenir estas mortes. Por um lado através da distribuição de naloxona [antagonista opioide], mas também com maior aposta no serviço de *drug cheking* [teste às drogas] e um reinvestimento na política de redução de danos."

> "Há casos internacionais de prescrição de heroína medicalizada, como já acontece nos Países Baixos ou na Suíça, a que as pessoas que têm dependência podem recorrer", exemplifica Maria Luísa Salazar, ativista.

A *overdose* é um risco tanto nos consumos injetados, como nos fumados ou inalados. "Há um risco maior em quem injeta, porque introduz diretamente a droga na corrente sanguínea. Mas esse risco também existe quando a droga é fumada, quer seja heroína ou cocaína, ou inalada", explica Maria Luísa Salazar. Os últimos dados disponíveis, de 2022, apontam para 69 mortes por *overdose* em Portugal. As estimativas indicam, também, "um acréscimo dos consumidores de cocaína, incluindo cocaína-*crack* por via fumada, e um aumento do consumo de benzodiazepinas, especialmente em populações mais vulneráveis."

isabel.laranjo@dn.pt



Os docentes fizeram várias manifestações e greves em luta pela recuperação do tempo de serviço.

Mais de 5000 professores já estão aptos para recuperar tempo de serviço

EDUCAÇÃO Os efeitos da recuperação integral do tempo de serviço vão chegar aos professores do básico e secundário já em setembro.

Cerca de cinco mil professores já têm os dados validados para poder recuperar o tempo de serviço congelado, menos de 10% dos que já acederam à plataforma para reconhecimento desse tempo, segundo dados da tutela. O Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) confirmou, ontem, que os efeitos da recuperação integral do tempo de serviço vão começar a chegar aos professores dos ensinos básico e secundário "já em setembro, cumprindo com o compromisso assumido pelo Governo."

Segundo a tutela, até ao momento, "7154 professores já validaram os seus dados, dos quais 5327 têm os dados confirmados pelas escolas e estão em condições de receber o respetivo acerto salarial em setembro." Os restantes 1827 processos também já foram validados pelos docentes, mas ainda estão "a aguardar a confirmação pelo diretor da escola", segundo informações do gabinete de imprensa.

A tutela estima que os processos aumentem de "forma acentuada ao longo do mês de setembro, com o arranque das atividades letivas nas escolas", até porque, até ao meio-dia de ontem, "73 953 docentes tinham já acedido à plataforma" para reconhecimento do tempo de serviço congelado.

Entretanto, o prazo para a conclusão de cada processo, com vista ao pagamento dos acertos salariais em setembro, foi alargado até ao final do dia 1 de setembro, sendo que o ministério garante que ninguém será prejudicado.

Todos os processos que fiquem concluídos a partir de 2 de setembro serão processados no mês seguinte à conclusão de todos os procedimentos e serão pagos retroativos com efeitos a setembro.

> A recuperação dos seis anos, seis meses e 23 dias de trabalho (...) foi uma das principais bandeiras da luta dos docentes nos últimos anos, levando milhares para a rua e à marcação de muitas greves.

O MECI acrescenta, por outro lado, que até ontem ao meio-dia existiam 7199 processos que estavam lançados pelas escolas e aguardavam a validação por parte dos docentes.

Desde o final de junho que as escolas têm vindo a atualizar todos os dados necessários para que a recuperação do tempo de serviço produza efeitos na progressão da carreira e nos salários dos professores o mais cedo possível. A recuperação dos seis anos, seis meses e 23 dias de trabalho, que ficou congelado durante o período da *troika*, foi uma das principais bandeiras da luta dos docentes nos últimos anos, levando milhares de professores para a rua e à marcação de muitas greves.

A atual equipa do ministério da Educação chegou a acordo com os sindicatos num modelo que prevê uma recuperação faseada ao longo de quatro anos. A recuperação do tempo de serviço congelado foi, aliás, uma das medidas anunciadas durante a campanha eleitoral da AD e depois confirmada pelo Governo liderado por Luís Montenegro, após a tomada de posse em abril deste ano.

DN/LUSA

Quase 25 mil chamadas para o SNS Grávida em três meses

SAÚDE As utentes são aconselhadas a ligar antes de se dirigirem às Urgências, que têm estado condicionadas.

A Linha SNS Grávida atendeu nos primeiros três meses de funcionamento 24 901 utentes, das quais 17 317 foram encaminhadas para um Serviço de Urgência, informaram ontem os Serviços Partilhados do Ministério da Saúde (SPMS).

"Entre 1 de junho e 28 de agosto, a Linha SNS Grávida (SNS 24) atendeu 24 901 chamadas", indicaram os SPMS, adiantando que, do total de triagens feitas, 3566 grávidas foram aconselhadas a ficar em autocuidados, 3586 foram referenciadas para os cuidados de saúde primários, 17 317 para os cuidados de saúde hospitalares e 432 para o Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM).

A Linha SNS Grávida – acessível através do mesmo número do SNS 24 (808 24 24 24) – é uma medida do Plano de Emergência e de Transformação da Saúde, que procura facilitar a resposta à procura de Urgências de Ginecologia/Obstetrícia, enquanto área em que se sentem maiores dificuldades no SNS.

Através deste contacto com a Linha SNS Grávida, a utente é imediatamente encaminhada para o serviço mais próximo da sua área de residência.

A linha está disponível desde 1 de junho. Tendo em conta que muitas Urgências de Obstetrícia/Ginecologia têm estado fechadas ou condicionadas, sobretudo na região de Lisboa e Vale do Tejo, as grávidas são aconselhadas a ligar sempre para a linha antes de se dirigirem a um hospital.

DN/LUSA

Estudantes vão ter cheques psicólogo e nutricionista

SUPERIOR A saúde mental é essencial para o sucesso académico, justifica o Governo.

A Direção-Geral do Ensino Superior (DGES) vai poder pagar cerca de oito milhões de euros, até 2025, aos profissionais de saúde que prestam serviço, através dos cheques-psicólogos e cheques-nutricionistas, segundo resolução publicada em Diário da República.

A resolução do Conselho de Ministros autoriza desta forma a DGES a realizar aquela despesa protocolada entre o Ministério da Educação, Ciência e Inovação, o Ministério da Juventude e Modernização e as Ordens dos Psicólogos e Nutricionistas, para os anos de 2024 e 2025, isto até ao montante máximo global de 7 875 000 de euros.

Na resolução agora publicada, o Governo refere que assume assim o compromisso de desenvolvimento de políticas especialmente dirigidas aos jovens, prevendo-se, em particular, a necessidade de apostar na promoção da saúde mental, identificada como uma das maiores preocupações dos jovens portugueses.

"A saúde mental é de elevada importância para o sucesso académico dos estudantes", justifica o Governo a propósito desta resolução, que estabelece que as despesas resultantes dos encargos assumidos com verbas inscritas no orçamento da DGES não podem exceder, em cada ano económico, os seguintes montantes: 2 250 000 euros, em 2024, e 5 625 000, em 2025. **DN/LUSA**



Opinião
Jaime Braga

Portugal na reta final para uma economia verde

Os agentes do mercado aguardam com grande expectativa a configuração final do Plano Nacional de Energia e Clima (PNEC) 2030, terminada agora a fase de consulta pública para recolha de contributos.

Apresentado como sendo "o principal instrumento de política energética e climática para a década, rumo a um futuro neutro em carbono", os conteúdos deste documento sob responsabilidade do Governo serão determinantes, não apenas para o cumprimento das obrigações impostas pelo Regulamento da Governação da União Europeia, ao nível da energia e da ação climática, mas também para que os eixos estratégicos delineados tragam ao mercado da energia nacional linhas orientadoras, de médio e desejavelmente também de longo prazo, que suportem a atividade de negócio para além das opções políticas de curto prazo derivadas dos ciclos eleitorais.

Neste PNEC, são fixadas metas ambiciosas e ajustados alguns objetivos que se revelam difíceis de atingir até 2030, como é nitidamente o caso do hidrogénio. No geral, a quota de renováveis no consumo final aumenta como objetivo, passando de 47% a 51%, um desafio de elevada exigência e que, no entendimento da Associação Portuguesa de Produtores de Bioenergia (AAPB), apenas poderá ser alcançado se, desde já e ao longo dos próximos anos, forem finalmente adotadas medidas de eficiência energética tecnologicamente maduras e o menos possível gravosas para a atividade económica.

Nesse âmbito, surge-nos como evidente a importância dada no PNEC à evolução da incorporação de renováveis no consumo de energia dos transportes de 20% para 29%, visando reduzir em 40% as emissões deste setor. Mas, para que tal seja exequível, será imprescindível que se privilegie a incorporação física (ou real) dos biocombustíveis sobre os ainda necessários mecanismos de promoção da sua utilização, mormente a dupla contagem.

Para a APPB, a incorporação de biocombustíveis em todos os tipos de transportes deve ser estimulada, por se tratar de uma tecnologia madura, competitiva em variadíssimas aplicações e com uma disponibilidade de oferta no mercado nacional assegurada no presente e no futuro.

Já no que respeita ao biometano, propomos que neste PNEC 2030 sejam incorporados e desenvolvidos – com mais ambição e detalhe – os principais conteúdos já inseridos no Plano de Ação para o Biometano. Recorde-se que, nesse documento, é antecipado que o biometano substitua aproximadamente 9% do consumo de gás natural em Portugal até 2030 e quase 19% até 2040. O que certamente só acontecerá se formos capazes de acelerar a capacidade de criar um verdadeiro mercado nacional para esta fonte ecológica de energia, criando um enquadramento para as atividades económicas com condições que incentivem as empresas a produzir e aderir a esta fonte de energia.

É elevada e dificilmente alterável a dependência da maioria dos setores industriais, no que toca à necessidade de combustíveis eficientes e de baixas emissões. Por isso mesmo, o biometano é o recurso com maior disponibilidade a curto prazo e o potencial dos gases renováveis de origem biológica é visível e irrefutável.

Em conclusão, e para o cumprimento dos objetivos do Governo visionando colocar Portugal no grupo de países líderes da União Europeia na utilização de energia sustentável, contribuindo assim para o crescimento económico do país, a criação de empregos e a transição para uma economia neutra em carbono, os biocombustíveis no setor dos transportes e o investimento no mercado do biometano para a atividade industrial são os dois principais vetores, cruciais para o assegurar das metas definidas. Esperamos, assim, ver ambos contemplados com a devida importância no texto final do Plano Nacional para a Energia e Clima. O país está na reta final para uma economia verde. Não podemos distrair-nos, trocando a estrada certa por atalhos com curvas.

Secretário-geral da Associação Portuguesa de Produtores de Bioenergia



Opinião
Catarina Marques Rodrigues

A fórmula da Presidência

A um ano e meio de distância, vemos já vários dedos no ar. Sem surpresas, são todos de homens, com mais de 55 anos, cabelo grisalho, experiência política e/ou mediática e níveis confortáveis de confiança. Em 2026 arriscamo-nos a comprar mais 5 anos da mesma História: aquela em que é uma miragem ver uma mulher como primeira figura do Estado.

António Costa, Mário Centeno, Santos Silva, Passos Coelho, Marques Mendes, António Guterres – sucedem-se os nomes masculinos, ora com legitimação dentro de um dos dois grandes partidos, ora com um histórico robusto de promoção pública. E é aqui que residem duas das razões para o vazio feminino. Em Portugal, depois de Maria de Lourdes Pintasilgo, em 1986, só houve mulheres candidatas à Presidência da República em 2016 e 2021. Concorreram Maria de Belém Roseira, Marisa Matias das duas vezes e Ana Gomes – ora como independentes, ora sem a gigante máquina partidária de um PS ou PSD. A todas faltava as longas horas multiplicadas por 15 anos de antena televisiva em horário nobre do "Professor", divididas entre a TVI e a RTP, e que tornaram Marcelo Rebelo de Sousa como o expectável vencedor.

O mesmo protagonismo que tem agora Marques Mendes, todos os domingos na SIC, também há mais de 10 anos. Um privilégio aparentemente masculino: as mulheres representam apenas um quarto dos comentadores televisivos portugueses (24%), revela um estudo do ISCTE de março.

> **"As mulheres representam apenas um quarto dos comentadores televisivos portugueses (24%), revela um estudo do ISCTE de março."**

Para formar opinião e votar, é preciso conhecer as figuras e o seu discurso, e para isso é preciso dar voz. Mas para se ser uma voz apetecível para colocar em ecrã, nas páginas dos jornais ou nos microfones da rádio, é preciso também ir adquirindo protagonismo político (e vice-versa). E aqui, elas também estão a perder: a Lei da Paridade ainda não resolveu a misoginia, nem a eternização masculina nos lugares – neste momento as mulheres representam apenas um terço dos deputados, um número inferior a 2022. A lei atual permite que se possam seguir dois candidatos do mesmo sexo, sendo que em várias listas a composição é de dois homens, uma mulher, e assim sucessivamente.

Sem oportunidade de fazer política, não há oportunidade de implementar mudanças, de brilhar e de marcar a agenda. O mesmo se pode dizer em outras áreas da política: apenas cerca de um terço do corpo diplomático português é constituído por mulheres (de resto, na nossa História só houve uma Ministra dos Negócios Estrangeiros, e foi já há 20 anos). Elas próprias cresceram a acreditar que têm de cumprir uma lista infindável de requisitos para serem hipótese para o lugar, e somam-se estudos que mostram que as mulheres só se chegam à frente para uma determinada posição se sentirem que cumprem todos os itens da lista, ao passo que aos homens basta-lhes alguns dos tópicos e algum atrevimento.

Num país com metade de mulheres, muitas qualificadas e competentes, além de nunca ter havido nenhuma mulher Presidente da República, nunca houve nenhuma presidente do Tribunal Constitucional, nenhuma presidente do Supremo Tribunal de Justiça, nenhuma presidente da Câmara de Lisboa ou da Câmara do Porto.

A análise sociológica é mais extensa que esta crónica, mas a realidade obriga-nos à indignação.

Jornalista especialista em igualdade de género



Opinião
Anselmo Borges

O Homem: questão para si mesmo 4. Somos livres?

Esta é a pergunta decisiva. De facto, se não somos livres, o que se chama dignidade humana pode ser uma convenção, mas não tem fundamento real.

Mas quem nunca foi assaltado pela pergunta: a minha vida teria podido ser diferente? Para sabê-lo cientificamente, seria preciso o que não é de modo nenhum possível: repetir a vida exactamente nas mesmas circunstâncias. Só assim se verificaria se as "escolhas" se repetiam nos mesmos termos ou não.

Não há dúvida de que a liberdade humana é condicionada. Mas ela existe ou é uma ilusão? Não pretendem agora neurocientistas dizer que, mediante dados da tomografia de emissão de positrões e da ressonância magnética nuclear funcional, se mostra que afinal as nossas decisões são dirigidas por processos neuronais inconscientes?

De qualquer modo, já em 2004, destacados neurocientistas também tornaram público um *Manifesto sobre o presente e o futuro da investigação do cérebro* – cito Hans Küng, no seu *Der Anfang aller Dinge* (*O princípio de todas as coisas*) –, revelando-se prudentes no que toca às "grandes perguntas": "Como surgem a consciência e a vivência do eu? Como se entrelaçam a acção racional e a acção emocional? Que valor se deve conceder à ideia de 'livre arbítrio'? Colocar já hoje as grandes perguntas das neurociências é legítimo, mas pensar que terão resposta nos próximos dez anos é muito pouco realista." É preciso continuar as investigações, no sentido de perceber o nexo entre a mente e o cérebro. "Mas nenhum progresso terminará num triunfo do reducionismo neuronal. Mesmo que alguma vez chegássemos a explicar a totalidade dos processos neuronais subjacentes à simpatia que o ser humano pode sentir pelos seus congéneres, ao seu enamoramento e à sua responsabilidade moral, a autonomia da 'perspectiva interna' permaneceria intacta. Pois também uma fuga de Bach não perde nada do seu fascínio, quando se compreende com exactidão como está construída."

A liberdade não é desvinculável da experiência subjectiva, da "perspectiva interna". Essa experiência é uma experiência transcendental, no sentido de que se afirma até na sua negação. De facto, se tudo se movesse no quadro do determinismo total, como surgiria o debate sobre a liberdade? Ele seria possível?

Essa experiência coloca-se concretamente no campo da moral e da responsabilidade. Neste contexto, há um célebre exercício mental de Kant na *Crítica da Razão Prática*, que já aqui citei e que é elucidativo e obriga a pensar.

Suponhamos que alguém, sob pena de morte imediata, se vê confrontado com a ordem de levantar um falso testemunho contra uma pessoa que sabe ser inocente. Nessas circunstâncias e por muito grande que seja o seu amor à vida, pensará que é possível resistir. "Talvez não se atreva a assegurar que assim faria, no caso de isso realmente acontecer; mas não terá outro remédio senão aceitar sem hesitações que tem essa possibilidade." Existem as duas possibilidades: resistir ou não. "Julga, portanto, que é capaz de fazer algo, pois é consciente de que deve moralmente fazê-lo e, desse modo, descobre em si a liberdade que, sem a lei moral, lhe teria passado despercebida."

O que confunde frequentemente o debate é a falta de esclarecimento quanto ao que é realmente a liberdade. Ela é a não submissão à necessidade coactiva, externa e interna, mas não pode, por outro lado, ser confundida com a arbitrariedade e a pura espontaneidade – não implica a espontaneidade a necessidade?

A liberdade radica na experiência originária do ser humano como dom para si mesmo. Paradoxalmente, é na abertura a tudo, portanto, no horizonte da totalidade do ser, que ele vem a si mesmo como eu único e senhor de si. Então, agir livremente é a capacidade de erguer-se acima dos próprios interesses, para pôr-se no lugar do outro e agir racionalmente. Faço a experiência de que sou dado a mim próprio como senhor de mim; portanto, sou dono de mim (já ouvi uma criança de 6 anos dizer à mãe: "Tu não és a minha dona") e, portanto, dono dos meus actos e, consequentemente responsável, respondo por eles e por mim.

É preciso distinguir entre causas e razões. Quando se age sob uma causalidade constringente, não há liberdade. Ser livre é propor-se ideais, deliberar e agir segundo razões e argumentos, impondo limites aos impulsos, inclinações e desejos, o que mostra que o Homem pode ser senhor dos seus actos e, assim, responsável, pode e deve responder por eles.



REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Neurocientistas dizem que um PET-Scan mostra que as nossas decisões são dirigidas por processos neuronais.

> **"Quando se pensa em profundidade e verdade, ser Homem é ser livre e, consequentemente, responsável: responder por si e pelos outros. O que quero fazer de mim? Para onde queremos ir verdadeiramente?"**

Só existe liberdade, se há alguém capaz de autodeterminação. A determinação por um "eu", segundo um juízo de valor, é que faz com que uma acção seja livre e não puro acaso ou enquadrada no determinismo das leis naturais. Como diz P. Bieri – ver de novo citação em *O princípio de todas as coisas* –, "é inútil procurar na textura material de um quadro o representado ou a sua beleza; é igualmente inútil procurar na mecânica neurobiológica do cérebro a liberdade ou a sua ausência. Ali, não há nem liberdade, nem falta de liberdade. Do ponto de vista lógico, o cérebro não é o lugar adequado para esta ideia. A vontade é livre, se se submete ao nosso juízo sobre o que é adequado querer em cada momento. A vontade carece de liberdade, quando juízo e vontade seguem caminhos divergentes."

Quando se pensa em profundidade e verdade, ser Homem é ser livre e, consequentemente, responsável: responder por si e pelos outros. O que quero fazer de mim? Para onde queremos ir verdadeiramente?

Padre e professor de Filosofia

Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

Alexandre Meireles CEO da Integral e ex-presidente da ANJE

"A palavra que mais gosto de dizer é sim. Não gosto de pessoas negativas"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Teletransporte. Para poder viajar mais rápido e mais vezes.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Game of Thrones.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Insetos.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Para o futuro, várias vezes ao ano.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Optimus Prime.



Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Não sei dançar, sou pé de chumbo.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Max Verstappen.

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
One More Time – Daftpunk.

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Interstellar. Para conhecer universos paralelos.



DIREITOS RESERVADOS

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Um Tamagotchi.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Leão. É o rei da selva.

Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Mousse de chocolate.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Dia do Ócio. A não fazer nada.



Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Nada de estranho.



Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Nelson Mandela.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
O SLB é o melhor clube do mundo.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Com o leão. Para saber como é não fazer nada o dia todo.

Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Tenho memória de elefante.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Azul. Representa coisas que adoro: Mar, céu e FCP.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Sim. Não gosto de pessoas negativas.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
A possibilidade de viajar no tempo.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Óculos de sol. Perco-os tantas vezes que já se torna ridículo.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Cozido à portuguesa.



Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Guiar o carro do meu pai à volta de casa.

Se fosse um meme, qual seria?
Claramente seria "*Challenge Accepted*".

Qual seria o título da sua autobiografia?
O Pai das Mil Viagens.

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Seria o Mario.



Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Não confundas a estrada da beira com a beira da estrada!

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Ui, fazia tantas coisas.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Muitas vezes, as melhores coisas da vida aparecem sem fazermos grandes planos, ou sem estarmos à espera que elas aconteçam.

Metade da economia está estagnada ou em recessão e inflação vai subir de novo

CONJUNTURA Agricultura, indústria, construção e alguns serviços dão sinais de exaustão, depois da euforia inflacionista. Já o Ministério das Finanças revela que as contas públicas voltaram ao excedente com um brilharete no IRC.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**



PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

Ministro das Finanças, Miranda Sarmento, e o primeiro-ministro, Luís Montenegro.

Metade da economia portuguesa estava estagnada, a caminho ou já mesmo em recessão técnica no segundo trimestre deste ano, mostram as contas nacionais ontem divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). Valeu a outra metade, evitando pior para o Produto Interno Bruto (PIB).

Em termos reais, a economia nacional cresceu 1,5% no segundo trimestre (idem no primeiro semestre), mas esta é a marca mais fraca desde o início de 2021, em plena pandemia.

Em cima disto, surgiu a notícia de que a inflação aliviou bastante em agosto (baixou para 1,9%), mas vários economistas avisam que será alívio de curta duração: os preços voltaram a acelerar mais ainda este ano.

Segundo o INE, "o contributo positivo da procura interna para a variação homóloga do PIB aumentou no 2º trimestre, verificando-se uma aceleração do investimento e do consumo privado", mas o contributo da procura externa líquida "foi negativo, após ter sido positivo nos dois trimestres anteriores".

Portugal agravou a sua dependência externa a nível comercial, "tendo as importações de bens e serviços acelerado de forma mais acentuada que as exportações de bens e serviços".

Por grandes ramos da economia, consegue-se ter uma noção mais clara sobre onde podem estar os maiores constrangimentos. De acordo com uma análise do DN/Dinheiro Vivo à variação do PIB entre trimestres (em cadeia), atualmente, em Portugal, existem três ramos de atividade que já se encontram em recessão (dois trimestres consecutivos de quebra no respetivo Valor Acrescentado Bruto ou VAB): agricultura e pesca (cedeu 1% em termos reais no primeiro trimestre e 0,8% no segundo); energia e água (-3,7% e -0,8%); e a construção, que perdeu quase 1% no primeiro trimestre e 0,2% agora. Juntos estes setores valem cerca de 8% do PIB português, sendo a construção o mais importante, valendo cerca de 4% da economia.

Mas há mais dificuldades no horizonte. Há atividades que entraram no vermelho neste segundo trimestre. Mais um assim e caem em recessão técnica. A indústria, que vale mais de 12% da economia, sofreu um retrocesso no VAB superior a 3%. Pior: em termos homólogos, o setor está em declínio desde o final de 2022, portanto, há quase dois anos que se debate com uma conjuntura bastante negativa.

O ramo dos serviços, que vale quase 27% (outros serviços que não comércio, alojamento e restauração, transportes, setor financeiro e consultoras), também já se debate com dificuldades. Aqui o VAB cedeu quase 3% face ao primeiro trimestre. Há dois anos que não se via uma contração nesta parte da economia.

O INE revelou ontem que o movimento descendente da inflação continuou em agosto, tendo a variação homóloga dos preços no consumidor aliviado para apenas 1,9%, já dentro do objetivo da Zona Euro e do BCE.

Vânia Duarte, economista do departamento de estudos do BPI, diz que se trata de um bom sinal, mas avisa que "alguns obstáculos deverão colocar-se no caminho". "O Governo anunciou a retirada parcial dos apoios aos combustíveis (nomeadamente, o descongelamento também parcial da taxa de carbono)" e "a Galp anunciou que vai atualizar os preços da eletricidade e do gás natural em outubro, de 9% e 16%, respetivamente". A analista do BPI Research nota também que "a ERSE tinha anunciado aumentos de 6,9% nas tarifas e nos preços do gás natural a partir também em outubro, no mercado regulado". Estes fatores "suportam a nossa expectativa de crescimentos de preços mais expressivos nos últimos meses do ano", remata.

Contas voltam ao excedente

Ontem soube-se também que começa a ganhar forma um possível "brilharete" orçamental, como pretende e prevê o governo de Luís Montenegro e Joaquim Miranda Sarmento. Depois de quatro meses de défice público, as contas do Governo voltam a registar um saldo positivo em julho, revelam as Finanças.

Depois de um primeiro semestre muito negativo – no período de janeiro a junho de 2024, o país registou um défice público de 2731 milhões de euros –, em julho as contas inverteram totalmente a situação. Reapareceu um excedente superior a mil milhões de euros (1060 milhões), apoiado "sobretudo" num forte crescimento do IRC, de quase 35%.

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt


CHRISTIAN MONTERROSA/ AFP

Kamala Harris cumprimenta criança durante ação de campanha em Savannah, Geórgia.

Harris passa teste com debate com Trump em pano de fundo

EUA Na primeira entrevista como candidata, a democrata justifica mudança de posições e aponta para o centro ao anunciar que terá um republicano na sua equipa governativa.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

O clamor crescente do campo republicano para que a vice-presidente concedesse uma entrevista enquanto candidata do Partido Democrata à Presidência dos Estados Unidos foi emudecido depois de a conversa com uma jornalista da CNN ser emitida e a generalidade dos comentadores ter dado nota positiva. No passado, Kamala Harris deu-se mal na TV, e a entrevista estava a ser vista como um teste às suas capacidades oratórias e de empatia quando se aproxima o primeiro de dois debates com Donald Trump.

O currículo da antiga procuradora-geral da Califórnia no que à comunicação diz respeito não está isento de manchas. Em 2019, quando a então senadora concorreu às primárias democratas, o jornal *The Mercury News*, de San José, na Califórnia, analisou debates dos 16 anos anteriores da sua vida pública. Veredicto: "Harris é quase invariavelmente calma e controlada, mantendo-se tranquila mesmo perante alguns ataques duros. Responde frequentemente às críticas com ataques aos seus rivais. É eficaz a desviar a atenção de temas incómodos, esquivando-se a perguntas que não vão ao encontro dos seus pontos fortes. E, apesar de ser clara e coerente nas suas respostas, por vezes parece mais rígida do que noutros contextos."

Na mesma peça, um ex-colega do Sistema Judicial elogiava a sua preparação, mas num debate entre democratas a havaiana Tulsi Gabbard (hoje ex-democrata apoiante de Trump) questionou o passado de Harris, ao acusá-la de enviar "mais de 1500 pessoas para a prisão por infrações relacionadas com marijuana e depois rir-se quando lhe perguntaram se alguma vez tinha fumado marijuana" e de ter "bloqueado provas que teriam libertado um homem inocente do corredor da morte até os tribunais a obrigarem a fazê-lo". Harris foi incapaz de retrucar, o que ajudou a sua campanha a afundar-se. "Fiquei surpreendida com o facto de ela não estar preparada para responder", disse Gabbard numa entrevista.

Noutro contexto, há pouco tempo, a sua reação a manifestantes pró-Gaza que a interromperam num comício em Detroit dividiu opiniões. "Sabem que mais? Se querem que Donald Trump ganhe, então digam-no. Caso contrário, estou a falar", sentenciou então.

Durante os 27 minutos de entrevista, Kamala Harris mostrou-se evasiva como sempre, mas também segura, e acabou por responder após a insistência da jornalista. Foi assim, por exemplo, ao ser pressionada a explicar por que é que em 2019 defendia a proibição do *fracking* (extração de gás de xisto) e hoje não, ou as suas mudanças de posição sobre as políticas migratórias ou Israel. Harris disse que mantém os seus valores e puxou dos galões da Vice-presidência, e do que aprendeu nas suas viagens pelo país: "Penso que é importante criar consensos e que é importante encontrar um ponto comum de entendimento sobre onde podemos efetivamente resolver os problemas."

Este pragmatismo, que a desloca mais para o centro político, ganhou maior dimensão ao anunciar que, caso seja eleita, irá nomear um republicano para a sua Administração. Harris recebeu o apoio recente de mais de 200 republicanos que trabalharam para os nomeados George W. Bush, John McCain e Mitt Romney. Significativo também que tenha minimizado as críticas do adversário ao "mesmo velho e estafado guião" e passado com uma risada para a "próxima pergunta, por favor".

O estratega democrata Joel Payne mostrou-se entusiasmado com o desempenho da candidata. "O argumento do caos *vs.* estabilidade que a campanha de Biden estava a tentar executar contra Trump, a equipa de Harris é capaz de o fazer com muito mais eficácia", disse à NPR.

10

de setembro é a data do primeiro debate entre Harris e Trump. A transmitir na ABC News, não terá público, persistindo a dúvida de se os microfones ficam silenciados fora do tempo de cada candidato.

3

Estados A média das sondagens atribui a liderança a Harris em três dos sete estados decisivos. Nos restantes, Trump está à frente por um ponto ou dois (Geórgia).

Bacon e um *puzzle*

A vice-presidente contou, na entrevista, as circunstâncias em que soube que Joe Biden desistira da candidatura a um segundo mandato. "A minha família estava connosco, incluindo as minhas sobrinhas-netas, e tínhamos acabado de comer panquecas", disse. Quando o telefone tocou, Harris preparava-se para cozinhar mais *bacon* e depois ia construir um quebra-cabeças.

"Ele disse-me o que tinha decidido fazer. E eu perguntei-lhe: 'Tem a certeza?' E ele respondeu: 'Sim'", disse.

Harris afirmou não se arrepender de ter declarado publicamente que Joe Biden mantinha todas as capacidades para continuar como presidente mais quatro anos e reafirmou que ter sido sua vice-presidente foi "uma das maiores honras" da sua carreira. Além disso, deixou bem claro que um dia será feita a devida justiça a este mandato. "Acho que a História vai mostrar, de muitas maneiras, que foi transformador."

cesar.avo@dn.pt

Xanana agradece às Nações Unidas

Xanana Gusmão agradeceu à comunidade internacional durante as comemorações do 25.º aniversário do referendo em Timor-Leste sobre a independência do país face à Indonésia, com o secretário-geral da ONU, António Guterres, a visitar o território e a exortar o mundo a fazer mais para apoiar o país. "Lembrem-se de que a independência da nossa nação se deve também à solidariedade e aos esforços da comunidade internacional, especialmente das Nações Unidas, que ajudaram no processo do referendo de 30 de agosto de 1999", afirmou o primeiro-ministro timorense, que contou também com a presença de Guterres e do presidente timorense José Ramos-Horta, perante milhares de pessoas. O país católico irá receber o Papa Francisco entre os dias 9 e 11 de setembro.



PAULO NOVAIS / LUSA

Mercenários russos saem de África para reforçar posições

UCRÂNIA Moscovo mantém pressão a leste e bombardeamentos em alvos civis, como o mais recente, no qual atingiu um prédio em Kharkiv.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

A incursão da Ucrânia na região russa de Kursk – onde as forças de Kiev dizem continuar a avançar, controlando agora cerca de 1300km² e 100 localidades – levou a que muitos mercenários russos no Burkina Faso tenham sido transferidos para reforçar as defesas de Moscovo.

Em declarações à AFP, Viktor Yermolaev, chefe da unidade paramilitar conhecida como Medvedi (Ursos) na Rússia e Brigada dos Ursos no Ocidente, disse que muitos dos seus combatentes deixaram o país da África Ocidental liderado por uma Junta Militar aliada de Moscovo, como o Mali e o Níger. A Brigada dos Ursos é um dos vários grupos mercenários que surgiram em paralelo do agora extinto Grupo Wagner do falecido Yevgeny Prigozhin.

O canal Telegram dos mercenários disse no início desta semana que "devido aos recentes acontecimentos" a unidade estava a regressar à Crimeia, a península anexada pela Rússia em 2014, onde está sediada. Uma fonte de segurança ocidental disse que cerca de 100 combatentes daquela unidade tinham deixado o Burkina Faso.

Enquanto a Rússia sente necessidade de reforçar noutros pontos, no Donbass mantém a concentração de tropas e material, com o Exército a avançar para o centro logístico que é Pokrovsk. "A situação mais difícil continua a ser na direção de Pokrovsk. O inimigo está a tentar romper as defesas das nossas tropas", disse o comandante-em-chefe Oleksandr Syrsky. Do lado russo avança-se com a informação da captura de mais três aldeias, uma na região de Donetsk, outra de Lugansk e, por fim, uma de Kharkiv.

Na zona industrial da cidade de Kharkiv, uma bombardeamento russo atingiu um edifício residencial de 12 pisos e os arredores, tendo matado pelo menos seis pessoas, uma das quais uma criança de 14 anos que se encontrava num parque infantil, e ferido 56 pessoas.

"Precisamos de decisões fortes dos nossos parceiros para acabar com este terror. Precisamos de capacidades de longo alcance", disse Volodymyr Zelensky referindo-se às restrições à utilização de mísseis fornecidos pelo Ocidente em território russo. **Com AFP**

Jenin. Israel diz ter abatido alto responsável do Hamas

CISJORDÂNIA Uasam Hazem estava relacionado com vários ataques contra forças de segurança de Telavive.

O Exército israelita reivindicou ontem ter matado um alto responsável do braço armado dos islamitas palestinianos do Hamas em Jenin, na Cisjordânia, no âmbito da grande operação lançada na quarta-feira e que matou, até agora, pelo menos 15 palestinianos. Em comunicado publicado no seu *site*, o Exército informou que entre os mortos está Uasam Hazem, identificado como "chefe da organização terrorista Hamas em Jenin" e relacionado com vários ataques armados e explosivos contra as forças de segurança de Telavive.

O Exército israelita acrescentou ter lançado a ação depois de identificado "um esquadrão terrorista do Hamas" num veículo em Jenin, precisando que Hazem foi morto e abatido pelos militares, enquanto os outros dois membros do Hamas, também mortos, Misra Mesharka e Arafat Amer, tentaram fugir do veículo bombardeado por um *drone*.

"Mesharka e Amer eram agentes terroristas do Hamas em Jenin que operavam sob o comando de Hazem e estavam envolvidos em ataques armados a colonatos israelitas. Foram encontradas nos seus corpos espingardas de assalto, pistolas, carregadores, granadas de gás e milhares de shekels em fundos para terroristas", acrescentou o Exército.

De acordo com a agência noticiosa palestiniana WAFA, o ataque do *drone* visou um veículo na cidade de Zababdeh, a sul de Jenin. O Crescente Vermelho Palestiniano indicou que as forças israelitas estavam a impedir que as suas ambulâncias chegassem ao local para tratar as vítimas.

DN/LUSA

avisos, tribunais e conservatórias

REPÚBLICA PORTUGUESA
AMBIENTE E AÇÃO CLIMÁTICA

Direção-Geral de Energia e Geologia

Direção-Geral de Energia e Geologia

ÉDITO

Processo EPU N.º 5325

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do artigo 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Elétricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de julho de 1936, com redação dada pela Portaria n.º 344/89, de 13 de maio, estará patente na Secretaria do Município de Silves e nesta Direção-Geral, sita em Rua Prof. António Pinheiro e Rosa, 8005-546 Faro, com o telefone 289 896 600, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação deste édito no *Diário da República*, o projeto apresentado pela E-REDES – Distribuição de Eletricidade, S.A., para o estabelecimento da Linha Aérea a 15 kV, FR15-66 PÊRA (Modificação entre os apoios P10 - P13) com 527.76 metros, com origem no apoio n.º 10 da LAMT a 15kV, FR15-66 PÊRA e término no desvio da LAMT, entre os apoios P10 - P13, devido a uma nova construção sob a mesma, a estabelecer em Caliços, freguesia de Armação de Pêra, concelho de Silves, a que se refere o processo mencionado em epígrafe.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projeto deverão ser presentes nesta Direção-Geral Área Sul – Algarve ou na Secretaria daquele Município, dentro do citado prazo.

Direção-Geral de Energia e Geologia, 2024-08-08

O Chefe de Divisão DIECS – Algarve
Tiago Santos

Por subdelegação de poderes conforme Despacho n.º 2130/2024, publicado no DR n.º 40, 2.ª Série, de 26 de fevereiro.

amt Autoridade da Mobilidade e dos Transportes

Recrutamento de quadros para a AMT

A Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), entidade reguladora responsável por definir e implementar o quadro geral de políticas de regulação e de supervisão aplicáveis aos setores e atividades de infraestruturas e de transportes terrestres, fluviais e marítimos, está a recrutar:

- *Quadros Superiores Seniores (m/f) especialistas em direito;*
- *Quadros superiores (m/f) especialistas em tecnologias de informação;*
- *Quadros superiores (m/f) em engenharia de planeamento, infraestruturas e da mobilidade;*
- *Quadro técnico (m/f) especialista em design gráfico e webdesign.*

Toda a informação sobre a oferta de emprego disponível e como concorrer pode ser consultada em **www.bep.pt** e em **www.amt-autoridade.pt.**

GRIMALDI LINES

Week 36

West Africa Southern Express	Grande Brasile GBR0624	Grande Africa GAF0624
Antwerp	24/08	13/09
LeHavre	28/08	17/09
Leixoes	05/09	19/09
Dakar	10/09	25/09
Conakry		
Lome	15/09	30/09
Luanda	19/09	04/10
Pointe Noire	22/09	07/10
Douala	25/09	10/10
Euroaegean Northbound	**Grande Anversa GAV0724**	**Grande Spagna GSP0624**
Antwerp	-	-
Livorno	01/09	19/09
Valencia	-	-
Tanger Med	04/09	22/09
Setúbal	05/09	23/09
Portbury	09/09	27/09
Cork	10/09	28/09
Vigo	15/09	-
Euroaegean Southbound (Euroshuttle)	**Grande Spagna GSP0624**	**Grande Detroit GDE0624**
Cork	31/08	
Antwerp	30/08	11/09
Portbury	02/09	14/09
Vigo	-	
Setúbal	05/09	17/09
Valencia	07/09	19/09
Livorno	09/09	21/09
Civitavecchia	10/09	22/09

Grimaldi Portugal
info@grimaldi.pt | Lisboa: 213 216 300 - Leixões: 229 998 450 - Setúbal: 265 526 018

REPÚBLICA PORTUGUESA SAÚDE | 40 SNS SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE 1979-2019 | UNIDADE LOCAL DE SAÚDE SÃO JOSÉ

MINISTÉRIO DA SAÚDE

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, E.P.E.

Procedimento concursal para constituição de reserva de recrutamento de técnicos superiores das áreas de diagnóstico e terapêutica – profissão de Terapia Ocupacional /Vertente Saúde Mental Adultos (M/F)

Faz-se público que, por deliberações do Conselho de Administração de 07-08-2024, foi autorizada a abertura de **Procedimento concursal para constituição de reserva de recrutamento para contratação de técnicos superiores das áreas de diagnóstico e terapêutica – profissão de Terapia Ocupacional /Vertente Saúde Mental Adultos** cujo aviso de abertura foi publicitado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 167, de 29/08/2024 – aviso n.º 19131/2024/2, cujo prazo de entrega das candidaturas é de 10 (dez) dias úteis, contados do dia seguinte ao da publicação do aviso no *Diário da República*.

Para mais informações consultar o sítio da Internet do CHULC, E.P.E, https://www.ulssjose.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., 31 de agosto de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Maria Adelaide Canas

VILA DE MONFORTE — monforte município

MUNICÍPIO DE MONFORTE

AVISO

1 – Nos termos do estabelecido nos n.os 1 e 2 do artigo 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro na sua atual redação, faz-se público que se encontra aberto, pelo prazo de 10 dias úteis a contar da data de publicitação na (BEP) Bolsa de Emprego Público, e DR n.º 167, 2.ª Série, de 29 de agosto de 2024, procedimentos concursais com vista ao provimento, em comissão de serviço, pelo prazo de 3 anos, para os seguintes cargos de direção intermédia de 2.º e 3.º Graus:

1 – Lugar de Direção Intermédia de 2.º Grau – Chefe de Divisão Municipal da Unidade Orgânica Flexível Administrativa, código de oferta OE202408/1176.

1 – Lugar de Direção Intermédia de 3.º Grau da Orgânica Flexível de Educação e Gestão do Parque Escolar, código de oferta OE 202408/1180.

1 – Lugar de Direção Intermédia de 3.º Grau da Unidade Orgânica Flexível Ação Social e Habitação, código de oferta OE 2024/1183.

2 – O respetivo anúncio, contendo, nomeadamente, a indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, da composição do júri e dos métodos de seleção a aplicar, foi publicitado na BEP, no endereço **www.bep.gov.pt**, dia 29 de agosto de 2024, com os códigos referidos.

Paços do Concelho de Monforte, 29 de agosto de 2024

O Presidente da Câmara
Gonçalo Nuno Lagem

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

COMISSÃO DE SAÚDE

ÀS COMISSÕES DE TRABALHADORES OU ÀS RESPETIVAS COMISSÕES COORDENADORAS, ASSOCIAÇÕES SINDICAIS E ASSOCIAÇÕES DE EMPREGADORES

Nos termos e para os efeitos dos artigos 54.º, n.º 5, alínea *d)*, e 56.º, n.º 2, alínea *a)*, da Constituição, do artigo 132.º do Regimento da Assembleia da República e dos artigos 469.º a 475.º da Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro (Aprova a revisão do Código do Trabalho), avisam-se estas entidades de que se encontra para apreciação, de 31 de agosto a 30 de setembro de 2024, a iniciativa seguinte:

Projeto de Lei n.º 221/XVI/1.ª (BE) — *Promoção dos direitos das pessoas com endometriose ou com adenomiose através do reforço do seu acesso a cuidados de saúde e da criação de um regime de faltas justificadas ao trabalho e às aulas.*

As sugestões e pareceres deverão ser enviados, até à data-limite acima indicada, por correio eletrónico dirigido a *9CS@ar.parlamento.pt* ou por carta dirigida à *Comissão de Saúde*, Assembleia da República, Palácio de São Bento, 1249-068 Lisboa.

Dentro do mesmo prazo, as comissões de trabalhadores ou as comissões coordenadoras, as associações sindicais e associações de empregadores poderão solicitar audiências à *Comissão de Saúde*, devendo fazê-lo por escrito, com indicação do assunto e fundamento do pedido.

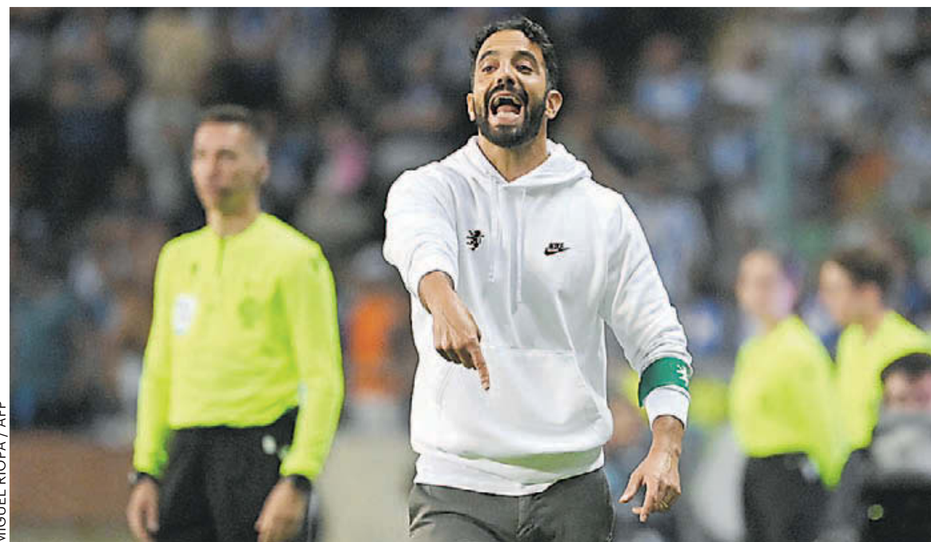
O texto da citada iniciativa encontra-se publicado na Separata n.º 18/XVI do *Diário da Assembleia da República*, de 31 de agosto de 2024, e pode ser consultado na página da Assembleia da República, no endereço eletrónico: **http://www.parlamento.pt/DAR/Paginas/Separatas.aspx**

SPORTING-FC PORTO ÀS 20.30, **SPORT TV1** ÁRBITRO: LUÍS GODINHO (ÉVORA)

Clássico com vista para a liderança sem vinganças e com rivais a respeitarem-se

I LIGA Leões e dragões defrontam-se esta noite em Alvalade, depois de duas vitórias consecutivas do FC Porto. Amorim e Vítor Bruno querem ganhar, mas nenhum se considera favorito. Treinadores escondem onze, mas há estreias à vista.

TEXTO **NUNO FERNANDES**


MIGUEL RIOPA / AFP

Treinador do Sporting considera que o clássico é um jogo 50/50.

Amorim rejeita favoritismos, mas quer "mudar o rumo aos acontecimentos"

Rúben Amorim rejeita que o Sporting seja favorito na receção desta noite ao FC Porto, na quarta jornada da I Liga, mas frisou ontem que o objetivo é ganhar para "mudar o rumo aos acontecimentos", numa referência ao facto de os leões terem sido derrotados nos dois últimos jogos – final da Taça de Portugal (2-1 após prolongamento) da época passada e Supertaça no início desta temporada (4-3).

"Não somos favoritos, queremos é ganhar. Jogamos em nossa casa e isso é um fator que se junta aos 50/50, o nosso público é sempre mais uma percentagem na vitória", referiu Amorim, rejeitando, porém, qualquer sentimento de vingança: "É um jogo de campeonato contra um adversário que nos ganhou dois títulos há pouco tempo. Não digo vingança, mas queremos ganhar e mudar o rumo dos acontecimentos."

No entanto, "o que passou, passou", insistiu Amorim, e, da mesma forma que o título conquistado pelos leões na época passada "já não conta para nada", o mesmo acontece em relação às últimas duas derrotas frente aos dragões.

Isto apesar de o treinador ter dito, recentemente, que iria olhar bastante para o jogo da Supertaça, onde os leões chegaram a ter uma vantagem de três golos e perderam por 4-3. "Eu disse que íamos usar muito a Supertaça, mas depois, ao olhar para o FC Porto, mudou completamente a forma de jogar. Alguns posicionamentos do Namaso a baixar, isso ainda lá está, mas jogando o Galeno e o Pêpê no mesmo corredor, a equipa joga de forma completamente diferente", analisou. Por isso, preferiu "não tentar adivinhar o que é que o FC Porto vai fazer."

O treinador confirmou que o capitão Hjulmand está convocado, tal como Nuno Santos, mas não adiantou mais pormenores sobre o onze em que vai apostar.

Amorim pronunciou-se que anda sobre o mercado de transferências, concretamente sobre a chegada de um avançado, referindo estar preparado para que tal não aconteça. "Faz parte da nossa vida. Venha avançado ou não, estou muito satisfeito, porque o clube fez tudo para trazer os jogadores que entendemos. Mas o mercado não fechou, a esperança é a última a morrer", atirou, satisfeito por, à partida, Gyökeres permanecer no plantel: "O Viktor ficar, se calhar, é mais importante do que estarmos a gastar o dinheiro em dois avançados."


MIGUEL PEREIRA/GLOBAL IMAGENS

Treinador do FC Porto promete equipa confiante, mas humilde e respeitadora.

Vítor Bruno não espera Sporting ferido e admite utilizar alguns reforços

Vítor Bruno não acredita num Sporting ferido esta noite no clássico fruto da derrota na Supertaça diante dos dragões, no início da época. Para o treinador do FC Porto, que admite utilizar alguns reforços, "não há jogos iguais", e por isso espera um adversário que "tem dado sinais de força e de rendimento elevado."

"Não nos podemos distrair. Conseguimos dar resposta na Supertaça, mas este jogo será diferente. Não acredito nessa questão de ferido, acredito em confiança, no trabalho dos treinadores. Temos de estar sempre concentrados para não corrermos o risco de nos acontecer o que aconteceu na Supertaça [chegaram a estar a perder por 3-0, mas acabaram por vencer por 4-3]. Vamos a Alvalade para tentar ganhar, sempre com um grau de maturidade de elevado", disse o técnico dos dragões.

Sem mencionar nomes, o técnico admitiu que pode lançar alguns reforços (o central Nehuén Pérez foi ontem oficializado) em Alvalade, caso de Fábio Vieira. "São reforços com diferentes graus de conhecimento do clube. Se estão preparados para amanhã [hoje]… Alguns estão, veremos se a tempo inteiro, se parcial, veremos também o que pede o jogo", adiantou, prometendo para esta noite "um FC Porto confiante, mas humilde e respeitador" num jogo com "um grau de imprevisibilidade grande", onde garante que os seus jogadores "estão preparados para encharcar o equipamento de suor."

O técnico portista, que esclareceu ainda que em termos de saídas de jogadores "ninguém foi empurrado para fora", respondeu ao comentário de Pinto da Costa, numa entrevista à TVI, quando considerou deselegante a forma como substituiu Sérgio Conceição no comando técnico dos dragões: "Se me deslumbrasse de cada vez que falam muito bem de mim ou se ficasse incomodado quando são deselegantes, isso seria sinal de que não me conhecia nem sabia quem era. Sei quais são os meus valores e nunca vou deixar que nada, em nenhum momento, os faça corromper. Aqui dentro tentamos blindar o que é nosso e levar a jogo as nossas ideias."

E voltando ao clássico desta noite, sem desvendar o onze e a estratégia, prometeu uma equipa "equilibrada no momento em que perder a bola e na organização defensiva."

"Temos de perceber que canais o Sporting utiliza. Não conhecemos o que vai estar do outro lado, o Rúben terá a sua estratégia e nós temos a nossa. Temos de tentar estar por cima em muitos momentos do jogo", acrescentou.

Seis estreias e sangue novo no "novo ciclo" da seleção

LIGA DAS NAÇÕES Rui Silva, Renato Veiga, Tiago Santos e Geovany Quenda são as novidades de Martínez, que fez regressar Pote e Trincão.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

"Um novo ciclo." Assim o definiu o selecionador nacional Roberto Martínez como forma de justificar as chamadas dos estreantes Rui Silva (guarda-redes), Renato Veiga e Tiago Santos (defesas), e Geovany Quenda (avançado), além dos regressos dos sportinguistas Pedro Gonçalves (Pote) e Francisco Trincão, que tinham ficado fora do Euro2024, numa decisão do treinador espanhol que foi bastante criticada.

Os jogos da Liga das Nações na próxima quinta-feira com a Croácia e no dia 8 com a Escócia, ambos no Estádio da Luz, são, segundo Martínez, o início do tal novo ciclo "para preparar o próximo Campeonato do Mundo", que vai realizar-se nos EUA, Canadá e México em 2026. "A Liga das Nações é um passo importante", sublinhou.

Tendo em conta os nomes que estiveram no Euro2024, registam-se as ausências de Pepe (retirado do futebol), Gonçalo Ramos (lesionado), e ainda Rui Patrício, João Cancelo, Danilo Pereira , Francisco Conceição e Matheus Nunes, que, segundo o selecionador, não têm ritmo de competição, tal como outros ausentes habituais nas escolhas do selecionador como Raphaël Guerreiro, Ricardo Horta e Otávio (com problemas físicos). "É importante ter mais jogadores com competitividade. É importante, nesta fase, ter sangue novo", reforçou.

Geovany Quenda, de apenas 17 anos, é uma das maiores surpresas, com Martínez a justificar que "é um novo talento a acompanhar" e "um jogador que vive do desequilíbrio".

"Gostámos do que fez na pré-época. Pode ser interessante vê-lo neste estágio e acompanhar a forma como vai entrar num patamar internacional", acrescentou, considerando ainda que "este foi o momento certo" para chamar Pedro Gonçalves e Francisco Trincão.

Questionado sobre a chamada de António Silva, que não tem sido titular absoluto no seu clube, ao contrário de Tomás Araújo (Benfica) e Eduardo Quaresma (Sporting), Martínez justificou que "António Silva está num patamar diferente porque já esteve no Europeu", embora tenha admitido que "fez um mau jogo com a Geórgia, mas fez um bom jogo com a Irlanda".

"Existem momentos bons e maus, mas acredito no potencial dele. Será importante nos jogos que teremos na próxima semana", justificou.

Quem continua de pedra e cal na seleção nacional é Cristiano Ronaldo, algo que Roberto Martínez confirma. "Depois dos 30 anos, os jogadores têm de encarar a carreira passo a passo. O nível de Ronaldo é único, com os dados físicos que tem... é incrível", começou por dizer, assumindo que o avançado do Al Nassr, da Arábia Saudita, "é importante, neste momento, para a seleção", mas "ninguém pode falar do futuro".

carlos.nogueira@dn.pt


ESTELA SILVA / LUSA

Roberto Martínez diz que Liga das Nações é "passo importante" no "novo ciclo".

CONVOCADOS

GUARDA-REDES
Diogo Costa (FC Porto)
José Sá (Wolverhampton)
Rui Silva (Betis)

DEFESAS
Rúben Dias (Manchester City)
António Silva (Benfica)
Renato Veiga (Chelsea)
Gonçalo Inácio (Sporting)
Tiago Santos (Lille)
Diogo Dalot (Manchester United)
Nuno Mendes (Paris SG)
Nélson Semedo (Wolverhampton)

MÉDIOS
João Palhinha (Bayern Munique)
João Neves (Paris SG)
Vitinha (Paris SG)
Bruno Fernandes (Manchester United)
Bernardo Silva (Manchester City)
Rúben Neves (Al Hilal)

AVANÇADOS
João Félix (Chelsea)
Francisco Trincão (Sporting)
Pedro Gonçalves (Sporting)
Rafael Leão (AC Milan)
Geovany Quenda (Sporting)
Pedro Neto (Chelsea)
Cristiano Ronaldo (Al Nassr)
Diogo Jota (Liverpool)

FC Porto recebe Manchester United e partilha cinco adversários com o Sp. Braga

SORTEIOS Equipas portuguesas com boas hipóteses de seguir em frente nas ligas Europa e Conferência.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

Um sorteio simpático para FC Porto e Sp. Braga na Liga Europa e V. Guimarães na Liga Conferência. É a conclusão que se pode tirar, pois qualquer das equipas portuguesas pode alimentar esperanças de conseguir o apuramento para os oitavos-de-final destas competições.

O Manchester United é, em teoria, o adversário mais complicado que o FC Porto terá pela frente, sendo que a partida vai realizar-se no Dragão, onde vão voltar a atuar os ex-portistas Diogo Dalot e Casemiro, dois dos principais jogadores do treinador Erik ten Hag, que conta ainda com outros bem conhecidos do futebol português, como Victor Lindelöf, Manuel Ugarte e Bruno Fernandes.

Os caminhos de portistas e bracarenses cruzam-se cinco vezes, que é como quem diz, têm cinco adversários em comum: Lazio, Olympiacos, Hoffenheim, Maccabi Telavive e Bodo/Glimt.

A Lazio é outro adversário com alto grau de dificuldade para Sp. Braga e FC Porto. Trata-se de uma equipa treinada por Marco Baroni, que conta com o defesa-esquerdo Nuno Tavares no seu plantel e tem como principais estrelas o espanhol Pedro Rodríguez, os italianos Alessio Romagnoli e Mattia Zacagni, o uruguaio Matías Vecino, o argentino Taty Castellanos e o francês Mattéo Guendouzi.

Curioso é o caso do Olympiacos, que já foi orientado por Carlos Carvalhal, atual treinador dos bracarenses, e tem dois jogadores que passaram pelo Minho: Chiquinho e David Carmo. Este último, aliás, transferiu-se há poucos dias do FC Porto para o clube grego, por empréstimo do Nottingham Forest, pois partilham o mesmo proprietário, Giorgios Marinakis.

O Sp. Braga terá ainda pela frente a outra equipa da capital italiana, a AS Roma, orientada por Daniele De Rossi e que tem como principal estrela o argentino Paulo Dybala, que recusou uma proposta milionária da Arábia Saudita.

Na Liga Conferência, o V. Guimarães também medirá forças com um histórico de Itália, o principal obstáculo da equipa de Rui Borges. Raffaele Palladino é o técnico de uma equipa onde se destacam David De Gea na baliza, Amrabat no meio-campo e Moise Kean no ataque.

LIGA EUROPA

FC PORTO
Casa
Manchester United
Olympiacos
Midtjylland
Hoffenheim
Fora
Lazio
Maccabi Telavive
Bodo/Glimt
Anderlecht

SP. BRAGA
Casa
Lazio
Maccabi Telavive
Bodo/Glimt
Hoffenheim
Fora
AS Roma
Olympiacos
Union Saint Gilloise
Elfsborg

LIGA CONFERÊNCIA

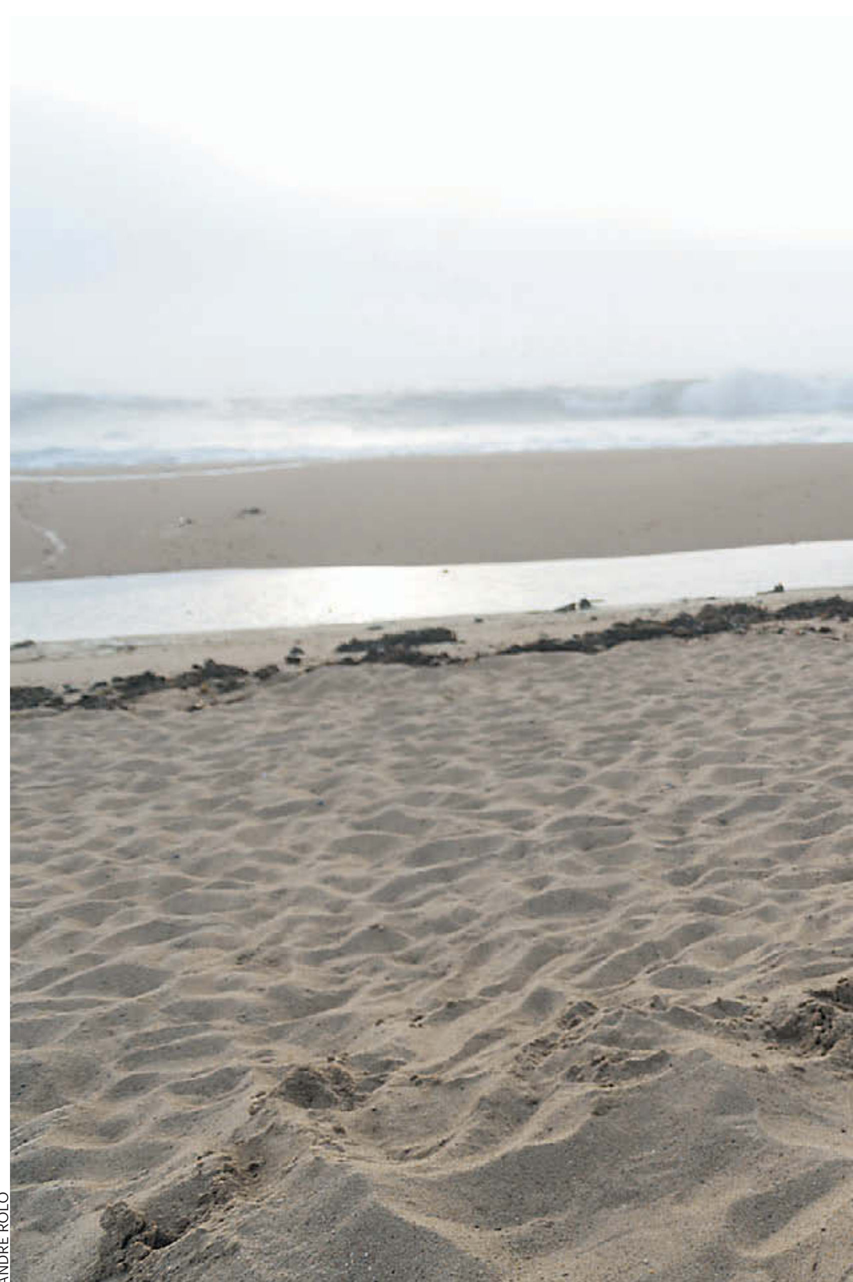
V. GUIMARÃES
Casa
Fiorentina
Mladá Boleslav
Celje
Fora
Djungarden
Astana
Saint Gallen

Marta Pais Oliveira

"Há, neste livro, mulheres que não esperam na praia e querem ir ao mar"

LIVRO A arte-xávega, técnica de pesca que chegou a ser praticada por quase todo o litoral português, é central no novo romance de Marta Pais Oliveira, *Faina* (Gradiva). Mas mais centrais ainda são aqueles que dela tiram o sustento, gente que sabe que pelo mar há que ter muito respeito.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA** FOTO **ANDRÉ ROLO**



ANDRÉ ROLO

***Faina* é o título deste seu novo livro. É uma palavra que lhe sai naturalmente?**
Estive até ao último momento a pensar no nome que daria ao meu primeiro romance, *Escavadoras*, e desta vez a palavra *Faina* chegou ainda antes do texto. Não tropecei noutras. Vejo nela muita força. Fiquei muito feliz com o trabalho gráfico da Susana Villar na capa do livro, que constrói a palavra com uma letra alta que remete para as tábuas dos barcos ou as paliçadas que vemos na praia. Além de que tem uma ilustração da minha irmã Ana de que gosto muito.

Qual a sua ligação pessoal ao mar, aos pescadores e à arte-xávega?
A minha família não está ligada ao mar, os meus avós lavraram o campo. Cresci e estudei em Espinho, que tem um bairro piscatório e mantém a pesca artesanal. O imaginário marítimo sempre me atraiu. Hoje a arte-xávega é uma prática rara e quis começar um processo de investigação para aprender mais sobre quem vive a alar as redes para terra.

Para a escrita deste romance sentiu a necessidade de ser um pouco antropóloga como forma de preparação?
Sim, interessou-me muito fazer essa investigação no terreno para pensar onde cabe a sobrevivência de quem pesca e onde cabe a paixão. Passei madrugadas e manhãs na Praia dos Pescadores, em Espinho, a ver o barco sair para o mar e voltar, e fui conversando com quem ali trabalhava. Falei com as mulheres que vendem o peixe. Quis ver de perto a interação humana com o mar, o que forma a cultura vareira, que ecologia de saberes se cruzam. Essa recolha etnográfica foi fundamental, aprendi muito, foram muito generosos comigo. Tentei várias vezes ir na companha, e só mais recentemente consegui. Como me ensinaram: não é quando a gente quer, não é como a gente quer, é quando o mar quer. O livro já estava escrito, agora terei de continuar.

> *"Passei madrugadas e manhãs na Praia dos Pescadores, em Espinho, a ver o barco sair para o mar e voltar, e fui conversando com quem ali trabalhava. Falei com as mulheres que vendem o peixe."*

Há muitos romances que falam do mar e da pesca, desde *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway, ao *Pescadores*, de Raul Brandão. Leu alguns destes, ou outros, para buscar inspiração?
Li ambos, li Herman Melville, Ramalho Ortigão. As leituras alargaram-se a neorrealistas, como *Esteiros* de Soeiro Pereira Gomes. Li *As Ondas* de Virginia Woolf para uma certa música meditativa. Além dos romances, foi muito importante a pesquisa levada a cabo no Museu Municipal de Espinho, e os seus *Cadernos de Espinho*, com pesquisa histórica de Armando Bouçon, para estudar acontecimentos daquela geografia que quis trabalhar, como a construção da Fábrica de Conservas Brandão Gomes ou do caminho-de-ferro, o crescimento da estância balnear, a vinda do Casino, a criação de novos hábitos culturais em confronto (ou harmonia) com a tradição dos bois a puxarem as redes do mar. E depois há tudo o que ouvi. Interesso-me muito pela tradição da história passada de geração em geração, por lendas, mitos, romarias, pelas canções, pela graça do vernáculo. Isso são textos muito vivos: contados, cantados.

Tirando uma nota de cedência parcial de direitos de autor, não há indicação do local da ação. Também a data é imprecisa, sendo que a fábrica de conserva ter a palavra real no nome nos envia para a época final da monarquia. Foi propositado? Onde se passa afinal esta semana da Grande Pesca e quando?
Atraem-me espaços e tempos diluídos. Apesar de o livro partir desta pesquisa sobre a história de Espinho, é uma ficção. A ação passa-se numa praia do Atlântico Norte, o corte temporal vai do fim de um período oitocentista ao arranque do século XX, principalmente a sua primeira década. Também existem subtis interferências, saltos espaciais e temporais. O livro não se constrói de forma linear.

É evidente em *Faina* a vida dura, a pobreza, as mortes no mar. Não se sentiu tentada a dulcificar a vida dos pescadores? A romantizá-la?
Quis muito afastar-me desse caminho e tentei ser vigilante quanto aos lugares-comuns.



"Em Faina *tento fazer perguntas sobre raízes, origens, procurar ensinamentos dos avós dos nossos avós. O que é que forma uma identidade? Que eco chega a quem ainda não nasceu?"*

Tento retratar um ofício de enormes esforços físicos, as redes puxadas à força de braços e de animais, ofício de perigos e carências. O mar pode ser simbiose ou luta, a mesma água que embala também sepulta. Eram tempos muito duros de opressão, de fome, vivia-se um profundo analfabetismo. Mas se nesta história há quem se lance ao mar por não ter outro caminho e tudo conduzir à pobreza, há também quem se lance por um apelo que não cessa. As personagens do arrais Assobio e do jovem Assobio constroem-se em torno de diferentes obsessões e motivações para entrar no barco.

As figuras femininas sobressaem. Têm uma força especial. Sentiu que era mesmo assim entre as gentes do mar da época que retrata?

Os retratos que li estão muito centrados no esforço dos pescadores, muitas vezes assumem o tom de canção heróica. Miguel de Unamuno fala dos barcos de arte-xávega como naves homéricas. São os homens que vão ao mar e o mar é, naquele tempo, um território vedado às mulheres. E isso, em parte, ainda se mantém. Vemo-las em terra a vender o peixe. Mas há um trabalho imenso e invisível antes do pregão. Quis pensar as prisões que viviam, e como puderam alargar liberdades. Por isso há, neste livro, mulheres que não esperam na praia e querem ir ao mar, como a Menina e a Senhora da Fábrica, e mulheres que precisam de novos nomes, como A do Moreno. E conto uma história dos dias de hoje. Quando comecei a escrever o livro, em 2021, assistia ao trabalho de uma companha que, neste momento, não está a trabalhar. A mulher do dono da embarcação adoeceu, a companha parou. E o pescador explicou que era ela quem geria aquilo tudo, se era preciso um prego, era ela que sabia comprar o prego. Estas mulheres seguram o mar.

Aquele cruzamento dos pescadores com a burguesia e a intelectualidade que surge a dado momento no livro tem uma base de realidade?

Espinho, ao crescer designado de "Rainha da Costa Verde", atraiu muitas pessoas diferentes, era um dos principais pontos de veraneio. Enquanto a Granja, por exemplo, era a praia das elites e da aristocracia, Espinho era a praia democrática e tinha a confluência de muitos grupos sociais. Onde uns iam pescar e vender o peixe, passeavam-se empresários, pintores como Amadeo de Souza-Cardoso, estrelas de cinema. É fascinante ver, por exemplo, as fotografias de Aurélio Paz dos Reis da Batalha das Flores, uma espécie de carnaval de verão que era tradição em cidades europeias como Paris e Veneza e que chegou a Espinho, com cortejo e tiroteio de flores. Vemos mulheres da nobreza com chapéus de largas abas sentadas ao lado de varinas de lenços pretos.

No livro fala da chegada do mundo moderno, das fábricas e dos horários de trabalho. O mundo da pesca de que fala é uma coisa do passado, apesar de ainda haver companhas de arte-xávega, nomeadamente em Espinho?

Esta pesca artesanal resiste com dificuldade. O mundo está sempre a acabar e está sempre a começar. E tudo tende para o esquecimento, mesmo a palavra. Algumas histórias continuam a ser contadas, Mário Cesariny falou das palavras acesas como barcos, e enquanto uma história é contada vive. Não me interessa a tradição cristalizada, mas sim entender como se pode reinventar e transformar. Uma pesca desta dimensão é esmagada pela pesca industrial, pelos grandes arrastões. Ao mesmo tempo, penso que vivemos tempos em que percebemos que os recursos planetários são finitos, que crescer sem limites tem um revés, e procuramos soluções comunitárias que possam regenerar mais do que destruir. Não se trata de manter condições difíceis e incertas de trabalho, de abdicar da tecnologia ou da inovação – tudo isso serve para melhorar a nossa vida. Mas trata-se da máquina dar mais tempo humano. Tempo humano passa, também, por tecer o que se rompeu, que é um gesto que ainda vemos o redeiro fazer. O Sr. José Barros remenda as redes da companha que está a ir ao mar, e mais ninguém aprendeu esse ofício. Vai ainda alguém aprender? E a arte-xávega não é só um barco lançado às ondas, é todo o património imaterial associado, o cancioneiro, os trajes, as crenças. Em *Faina* tento fazer perguntas sobre raízes, origens, procurar ensinamentos dos avós dos nossos avós. O que é que forma uma identidade? Que eco chega a quem ainda não nasceu? Faço perguntas sobre o deslumbramento que o progresso traz, tento retratar uma comunidade piscatória que vive a grande expectativa da construção da Fábrica de Conservas. Vem a questão da criação pela destruição. Para algo novo crescer é preciso destruir o que veio antes? Ambos podem coexistir? O futuro assume forças diferentes, primeiro anuncia-se com estrondo, com o tempo entende-se que não chega da mesma forma para todos. Quis refletir sobre como liberta de tantas misérias e, ao mesmo tempo, que novas e complexas prisões pode criar, que espaços nascem privados de afeto e de memória. Que futuro pode ter uma pessoa desmemoriada.



FAINA
Marta Pais Oliveira
Gradiva
359 páginas
19,50 euros



Caçadores na Neve (1565): o quadro de Bruegel, o *Velho* reencenado por Kiarostami.

Abbas Kiarostami
O cinema é o realismo feito magia

CINEMA Com *24 Frames*, Abbas Kiarostami aposta numa reinvenção do movimento cinematográfico a partir da quietude das imagens fotográficas. Revelado no Festival de Cannes de 2017, eis um filme fascinante que não perdeu nada da sua dimensão mágica.

TEXTO **JOÃO LOPES**

O cineasta iraniano, Abbas Kiarostami, faleceu a 4 de julho de 2016, contava 76 anos. Na fase final da sua vida, trabalhou num projeto muito particular, tanto pelos seus pressupostos estéticos como pelas manipulações técnicas que implicava. Partindo de fotografias que foi fazendo ao longo dos anos, Kiarostami quis "imaginar o que teria acontecido antes ou depois" do instante registado por cada imagem. O resultado é uma coleção de breves quadros cinematográficos que viria a receber o título de *24 Frames*, tendo sido revelado, postumamente, no Festival de Cannes de 2017. É esse filme que agora chega ao circuito comercial português, e o menos que se pode dizer é que a espera de sete anos está longe de invalidar a sua importância e também a sua singular beleza: *24 Frames* é um dos grandes acontecimentos do nosso ano cinematográfico, por certo dos mais enigmáticos, mas também mais fascinantes.

Face à quietude da fotografia, dir-se-ia que estamos perante a consagração do movimento como componente essencial do cinema – afinal, como bem sabemos e o título ambiguamente sugere, antes de ser um fenómeno digital, o cinema fez-se e projetou-se à velocidade de 24 fotogramas por segundo.



Kiarostami imagina "o que teria acontecido antes ou depois" das suas fotografias.

Kiarostami contempla as imagens fixas que obteve e, através de efeitos (realmente) especiais, inventa pequenos eventos, uns irónicos, alguns bem humorados, outros tocados por um insólito dramatismo. Por exemplo, uma praia com um mar de ondas serenas e muitas gaivotas a voar transfigura-se num depurado conto trágico: ouve-se um tiro, uma gaivota cai no limiar do areal e, a pouco e pouco, outras gaivotas vão-se aproximando numa espécie de indecifrável ritual fúnebre.

Em boa verdade, a relação com a fotografia não esgota o projeto. Assim, *24 Frames* começa com uma pintura: *Caçadores na Neve*, um quadro de Bruegel, o Velho datado de 1565, referência lendária do Renascimento flamengo. O retrato de três homens que regressam de uma caçada, tendo a sua aldeia em fundo, vai ganhando inesperada vida cinematográfica, com alguns pássaros a atravessar a paisagem, um cão a deambular pela neve e o fumo que começa a sair das chaminés.

Há qualquer coisa de zoologia imaginária em tudo isto, já que são vários os segmentos em que aparecem animais (pássaros, renas, leões…) em atividades mais ou menos frenéticas, quase sempre acompanhados por um fenómeno atmosférico – muita chuva, muita neve – que contamina a ação com uma estranha alegria poética. Por vezes, os elementos humanos participam da encenação no interior de um cenário de sugestivos contrastes figurativos: observe-se o grupo de personagens que contempla a Torre Eiffel – não se mexem (são mesmo figuras fotográficas), mas o monumento exibe muitas luzinhas intermitentes, enquanto do lado do nosso olhar vão passando algumas pessoas, uma delas, com uma guitarra, a cantar *Les Feuilles Mortes*, de Jacques Prévert.

Filosofia e ironia

Retratista dos insondáveis mistérios das relações humanas – recordemos *Onde Fica a Casa do Meu Amigo?* (1987), título que o projetou internacionalmente –, Kiarostami desenvolveu uma filmografia pontuada por este gosto das "séries", como quem experimenta várias hipóteses suscetíveis de demonstrar um teorema.

Lembremos o caso exemplar de dois títulos também estreados em Cannes: *Ten* (2002), antologia de uma dezena de diálogos no interior de um carro em movimento nas ruas de Teerão, ou ainda *10 on Ten* (2004), rimando claramente com o anterior, agora em tom de reflexão sobre o próprio trabalho narrativo. *24 Frames* talvez tenha sido pensado como uma variação filosófica, suavemente irónica, sobre a célebre frase dita num filme de Jean-Luc Godard (*O Soldado das Sombras*, 1963), segundo a qual se "a fotografia é a verdade", então o cinema é "a verdade 24 vezes por segundo."

Kiarostami é um artista que acredita que há uma verdade visceral em cada imagem, verdade ligada a alguma forma de realismo. Paradoxalmente, isso não exclui, antes potencia, a hipótese de, através dos elementos concretos desse realismo, acedermos a experiências sensoriais de pura magia. Como num "Divertimento" de Mozart, o que conta é a descoberta de uma melodia que não se esgota numa colagem de harmonias, levando-nos a escutar o mundo de maneira diferente – escutar e contemplar.

Veneza 81. Os pecados da carne de Cate Blanchett e Nicole Kidman

FESTIVAL O sexo voltou em força ao Lido. *Disclaimer*, a série de Alfonso Cuarón com Cate Blanchett e *Babygirl*, de Halina Reijn, filme feminista erótico com Nicole Kidman de gatas. Objetos potentes para repensar a representação do orgasmo feminino.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA,** EM VENEZA

Uma série decidida pela *mise-en-scène*, um filme decidido por uma série de fontes do inesperado. Comum a *Disclaimer*, de Alfonso Cuarón e *Babygirl*, de Halina Reijn, a sexualidade feminina e a moral do desejo. Dois projetos com energia erótica quase explícita.

Se este ano as séries de *streaming* são um dos pratos fortes do programa pensado pela equipa de Alberto Barbera, o maior acontecimento nessa campo vem da AppleTV+ com *Disclaimer*. Os seus sete episódios estremeceram o Lido e fizeram rir as plateias quando surgiu um cartão no início a avisar sobre o conteúdo sexual das imagens. Estremecer porque há qualquer coisa de inimitável no deslindar de um mistério em torno de um *affaire* sexual entre uma mulher mais velha e um adolescente inglês numa praia italiana. Cate Blanchett é a protagonista de uma história que nos leva até à Londres dos nossos dias, quando uma jornalista de investigação percebe que está a ser alvo de ameaça por um episódio sexual na sua juventude. Ao longo dos 7 episódios, vamos ser puxados para um mistério enigmático que perturba a fundo e sem rodeios. Cuarón está a filmar o desejo feminino, mas sobretudo as grandes questões éticas sobre adultério e traição.



Cate Blanchett em *Disclaimer*, exame de consciência cintilantemente incómodo.



Nicole Kidman, ontem à chegada ao Lido, atriz disposta a tudo num filme sobre os confins da moralidade no ato sexual.

Uma série com cinema, pois então.

Será cinema em televisão? O realizador mexicano andou por aqui a dizer que só sabe fazer cinema, embora o crescendo de antecipação e emoção denote algumas técnicas da ficção de *streaming*, mas dê por onde der, *Disclaimer* é um dos grandes casos de reflexão em Hollywood sobre a culpa humana. Em outubro o mundo vai perceber que a Apple tem aqui um dos acontecimentos de ficção televisiva que muda o paradigma de tudo. E Cate Blanchett é assombrosa, ela e os grandes Sacha Baron Cohen e Kevin Kline.

Erotismo feminino

Mas ainda mais obrigatório é outro dos casos sérios deste arranque da competição, o drama erótico *Babygirl*, destinado a ser mais falado por ser o "tal filme com cenas tórridas" com Nicole Kidman. Na verdade, a realizadora de *Bodies Bodies Bodies* fez um filme com muito sexo porque o tema é sexo, neste caso através da história de uma mulher poderosa, CEO de uma empresa de robótica, que inicia uma relação extraconjugal com um estagiário com idade para ser seu filho. Um caso que se torna num vício carnal e onde ela ensaia uma exaltação com humilhação e sobreposição do poder, tornando-se escrava sexual do jovem.

Só mesmo o estúdio A24 para dar luz verde a um filme com Antonio Banderas e Nicole Kidman sobre o que é isso do sexo de dominação retrógrada? Um acontecimento, portanto, destinado a acaloradas discussões sobre os limites da fantasia sexual e o atual poder afrodisíaco da sedução no local de trabalho.

Se em *Disclaimer* ainda se pode vir com a cartada do "male gaze" do realizador, em *Babygirl* (o título alude à forma como o amante trata a sua chefe) o olhar é feminino, mais em concreto, feminista. Se fosse realizado por um homem, era sobre uma ninfomaníaca, como é por uma mulher trata-se de um conto sobre uma esposa que não consegue o orgasmo com o marido e reinventa todo o seu prazer.

As más notícias é que há uma resolução a guinar para a comédia de mau gosto e em Portugal ainda não há estreia. As más línguas também vão refilar com o rosto com plásticas de Nicole Kidman, mas curiosamente, é ela própria a brincar com isso com esta personagem a levar com uma *overdose* de *botox*... Mas o filme é também de Harris Dickinson, o ator britânico de *O Triângulo da Tristeza*, o trágico dominador sexual.



Opinião
Joaquim Ruivo

Um (novo) TRIUNFO, no Mosteiro da Batalha

Numa crónica banal, eu começaria por dizer que Virgil Scripcariu, artista que irá expor no Mosteiro da Batalha a partir do próximo dia 1 de setembro, é um dos mais reputados e conhecidos escultores romenos da sua geração.

E continuaria, provavelmente, a fazer encómios ao seu percurso artístico: licenciado em Belas Artes, ganhou a bolsa Theodor Aman para Artes Visuais, oferecida pelo Governo da Roménia. Em 2007, representou a Roménia na Europália/Bruxelas; em 2008, fez parte da equipa de exposição na Bienal de Arquitetura de Veneza, com *design* e conceito de exposição; tem participação em feiras de arte internacionais e é autor de obras públicas na Roménia e em vários países europeus. Em 2023, foi-lhe atribuído o Prémio de Escultura pela União dos Artistas Plásticos da Roménia.

Mas não se pode ser banal, quando damos conta de que Virgil Scripcariu pertence a uma geração de artistas romenos contemporâneos (que tenho a felicidade de conhecer em parte por via de Mircea Roman e Florentina Voichi, cuja obra já foi exposta no Mosteiro da Batalha) que aliam um saber do ofício de altíssima qualidade técnica a uma obra artística marcada por um pensamento sobre a vida e o mundo, muito nessa convicção tão liminarmente expressa pelo cineasta Tarkovsky, de que todo o artista, porque vê para além do seu tempo, tem a responsabilidade de melhorar, através da sua arte, o mundo em que vive.

Nesse sentido também, as instalações artísticas de Virgil Scripcariu expressam muitas delas uma mensagem ecológica, social e espiritual.

Não é banal dizer que Virgil faz parte da comunidade *A Roménia das Tradições Criativas*, e que tendo-se mudado em 2006 com a família para Piscu – uma antiga aldeia de oleiros, perto de Bucareste –, aí lançou, conjuntamente com a sua mulher, Adriana Scripcariu, historiadora de arte, um projeto de investigação e valorização do seu património cultural. Em 2021, inauguraram o Museu-Oficina Escola de Piscu – um polo cultural dedicado à cerâmica camponesa e às técnicas tradicionais, bem como à arte contemporânea. O projeto é reconhecido a nível europeu, tendo recebido o Prémio Europa Nostra 2022, na secção Educação, Formação, Artesanato.

Impressionado pelo Mosteiro da Batalha, fascinado pela dualidade entre o bem e o mal, consciente de que desde Caim e Abel vivemos uma história de conflitos, Virgil Scripcariu quer afirmar nesta exposição toda a beleza que a humanidade, ainda assim, pode criar, acreditando, em última análise, no milagre do triunfo da paz.

Inspirando-se numa das gárgulas do Mosteiro, muitas delas símbolos do mal e do pecado, Virgil Scripcariu criou uma obra original de grandes dimensões que deu o mote à exposição. Uma obra que, até abril do próximo ano, irá marcar a fachada principal do Mosteiro – o nício de um percurso inspirador e cuja visita se recomenda.

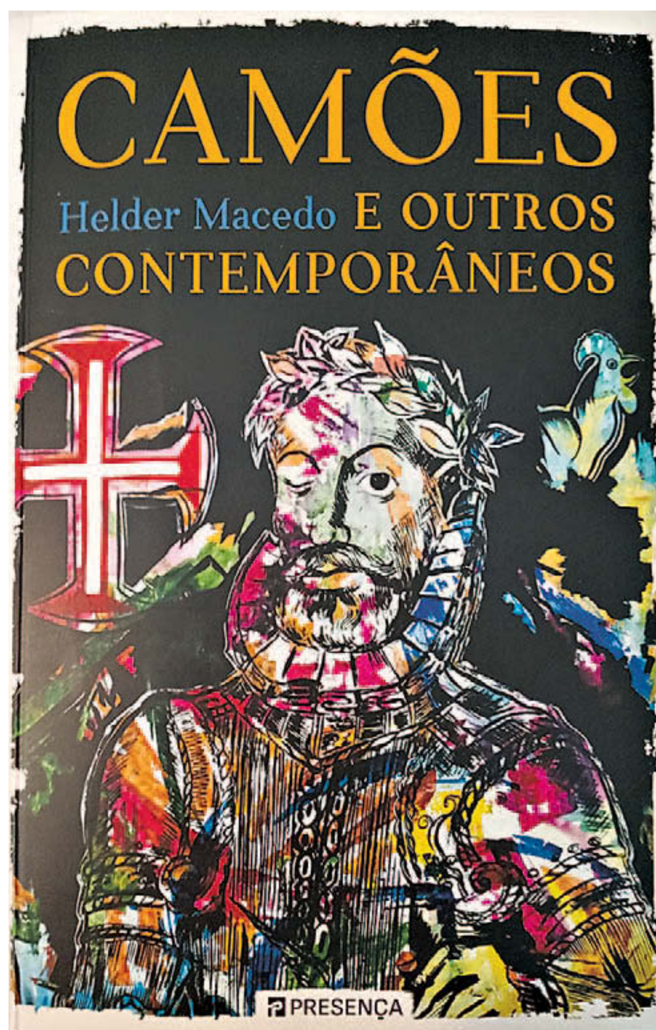
Diretor do Mosteiro da Batalha



Direto à leitura
António Carlos Cortez

Camões em carne e osso ou um livro de Helder Macedo

Helder Macedo é, incontestavelmente, uma das personalidades centrais da cultura e literatura portuguesas da segunda metade do século XX e deste primeiro quarto-de-século. Poeta, ficcionista, professor emérito de Português no King's College, em Londres, professor-conferencista convidado em universidades da maior envergadura (Oxford, Harvard), é, para além disso, um ensaísta de finíssima inteligência crítica, de enorme erudição, com intuições singulares, dessas que nos abrem uma obra literária às mais fascinantes e insuspeitadas coordenadas de leitura. Sirvam de exemplo dois trabalhos seus: *Cesário Verde: O Romântico e o Feroz* (&ect, Lx, 1988) ou, publicado em 1977, *Do Significado Oculto de Menina & Moça* [de Bernardim Ribeiro] (Moraes, colecção Temas e Problemas). Há outros trabalhos ensaísticos de enorme valia para a compreensão das linhas invisíveis de clássicos e modernos portugueses, desde a sua tese de doutoramento, *Nós: Uma Leitura de Cesário Verde*, à reunião de diversos estudos que, em 2007, vieram a lume sob o título *Trinta Leituras*. A Editorial Presença tem sido, em diversas fases desta obra, a sua casa-mãe e em boa hora este livro (vencedor do Prémio D. Diniz e do Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho APE) é reeditado em nova e aumentada actualização. De destacar, como se lê na nota introdutória, o extraordinário ensaio "Luís de Camões: cada um contrário em seu sujeito", texto originalmente feito em 2005 aquando a realização do Colóquio "*Todos os Caminhos vão dar a Camões*", que teve lugar na Universidade Federal do Rio de Janeiro.



"Uma tese avulta neste belíssimo livro que deveria ser obrigatório na formação de professores: 'toda a linguagem é feita de passados e não de futuros.' Isto é: para se ler Camões, como a outros contemporâneos, é ao passado que temos de regressar para reelaborar novas formas de ler."

De um modo geral, o que nos dá o ensaísmo de Helder Macedo? Isto: a evidência de uma inteligência crítica que, em trânsito por diversos "contemporâneos de Camões" (o que inclui, num gesto de originalidade, poetas como Herberto Helder, Cesariny, estes publicados na revista Relâmpago; textos evocativos de Manuel de Castro e da geração, a sua, do mítico café "Gelo", para além de outras importantes páginas de que vinco a relativa ao seu romance, *Partes de África*, em contexto de colóquio), se questiona permanentemente e nos questiona: qual o lugar da obra na vida de quem escreve, com que régua podemos medir o alcance de dada herança literária. Uma tese avulta neste belíssimo livro que deveria ser obrigatório na formação de professores: "toda a linguagem é feita de passados e não de futuros." Isto é: para se ler Camões, como a outros contemporâneos, é ao passado que temos de regressar para reelaborar novas formas de ler. Neste particular, T. S. Eliot é, com um mestre português da leitura – Jacinto do Prado Coelho – uma das fontes do pensamento crítico de Helder Macedo.

O que une este livro de prodigiosas (e generosas) exegeses é, pois, Camões. Há como que uma espécie de entendimento dialéctico do que é a literatura portuguesa centrada no grande épico. Camões obriga-nos a reler os medievais e prepara-nos para entendermos melhor o que veio a ser escrever literatura em português depois dele. Há passagens que, sendo dedicadas ao poeta de "Aquela Cativa", sugerem que para Helder Macedo a literatura, como via de conhecimento do mundo, é uma implicação do Homem nas coisas que lhe pertencem: carne, razão, sentidos. Mais do que um poeta de preocupações metafísicas, o cantor de Bárbara Escrava atenta na única meta tangível que lhe é ponte para compreender o desconcerto do mundo: a meta física. Leia-se do ensaio "Luís de Camões: Cada um com o seu contrário num sujeito" (dialéctico eco camoniano) o seguinte: "Camões desenvolveu a partir de Dante e de Petrarca a percepção do amor como forma inteligível do desconhecido. Mas, enquanto os seus mestres viam no amor um meio de ascender à unidade de uma ordem espiritual divina obscurecida pela matéria, ele procurou, em sentido inverso, encontrar uma unidade espiritual na multiplicidade da experiência do amor humano." (p.303).

Na senda das teses de Jorge de Sena (1919-1978), em especial a do seminal "Ensaio de Revelação da Dialéctica Camoniana" (1950), onde Sena de uma vez para sempre justifica por que razão a verbalização do mundo em Camões é uma verbalização maneirista (o que provocou reacções da camonística oficial da época), Helder Macedo oferece-nos um retrato de Camões que é, de facto, o retrato de quem não só foi o primeiro europeu a experimentar em várias latitudes do globo os "erros [seus], má

Fortuna, amor ardente", como é o primeiro a declarar que o amor – bem ao contrário do neoplatonismo de matriz cristã que lhe molda uma visão de mundo bem oposta à experiência (carnal) dele – faz parte de um complexo humano de vivências que, feitas linguagem, revolucionam a nossa forma não de ver a poesia, mas a própria vida. Por isso Helder Macedo relembra versos do soneto "Em prisões baixas fui um tempo atado", vendo de forma acutilante a lógica do malogro camoniano. Dialécticos ensaios onde, ainda acerca de Camões, encontramos sínteses de uma rara penetração: "Escreve noutro [soneto] E, por experimentar que dita tinha / quis que a Fortuna em mim se experimentasse. Tal experimentação consigo próprio o levou a "erros" que cruelmente foram punidos com "prisões", "mágoas", "misérias", "desterros" (p.303). Como, porém, esclarece o ensaísta, sempre é o amor o guia de Camões, revelando-se como uma "selvática deidade que se não contenta com sacrifícios simbólicos" (os "cordeiros" e "bezerros" do verso "Que Amor não quer cordeiros nem bezerros" daquele soneto que referi).

Na verdade, percorrendo Camões e contemporâneos, Helder Macedo não esquece que o processo dialéctico de quem lê assim obras literárias tem como fim ultrapassar antinomias, evitar certos escolhos (o impressionismo, o biografismo). Buscando uma conclusão clara para mostrar aos leitores de Camões o modo dialéctico desta poesia, o autor de *Vesperal* (1956) analisa canções, convoca éclogas, esclarece-nos o sentido de alguns nomes das amadas do Poeta (Dinamene, criptónimo devedor da tradição clássica e já presente em Garcilaso, é uma ninfa do Tejo; Bárbara, onomatopaico nome que Camões, diz Macedo, transforma em "afirmação de identidade própria dessa «estranha» mas, afinal, não bárbara senhora" (p.309). Amor cortês subvertido, como interpreta Helder Macedo essa operação camoniana de transposição-transfirmação de um nome? Como demonstração de uma finalidade: o código do amor cortês já não podia ser seguido como norma: "A linguagem que havia herdado tinha de ser usada para dar expressão a novos significados."

Neste Verão que agora acaba, reler este livro novo é, creio, continuar a lembrar Camões neste ano de celebração do seu (provável) nascimento em 1524. Há uma coesão e coerência a dar corpo a este livro de Helder Macedo e não será de somenos ver como no estudo que vim seguindo ("Luís de Camões: cada um com seu contrário num sujeito"), e que me parece ser ancilar, as páginas dedicadas a Vasco da Gama – que servem a Macedo para sublinhar o valor das Letras como veículo de eternização dos heróis – complementam, na verdade, o retrato que o ensaísta e poeta nos quer dar do próprio Luís Vaz. No alto mar da linguagem, o batel que é a epopeia, debate-se e Camões – como inteligentemente revela Helder Macedo – dá nova significação a esse empreendimento literário: se o seu batel naufragar, é a própria História que pode eclipsar-se.

Esta última ideia: a de que a História pode eclipsar-se se não houver quem fixe, em versos perenes, a memória pátria, diz respeito também à função do ensaio. Sem ensaístas que nos ajudem a ler melhor as grandes obras, elas igualmente se eclipsam.

Professor, poeta e crítico literário. Escreve sem aplicação no novo Acordo Ortográfico.



O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 31 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES: Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima

CHEFE DA REDACÇÃO E EDITOR: Acurcio Pereira

OS GUERRILHEIROS DA NOITE

De quando em quando, Lisboa é sobressaltada por ataques, ou tentativas de ataque, de maior ou menor importancia, a quarteis, esquadras de policia e sentinelas. Umas vezes, tiros soltos á aventura; outras, casos de maior vulto como o que se deu ante-ontem no Castelo de S. Jorge, onde se repetiu a prova, honrosamente registada, de que as forças militares e civis, com escassas excepções, lhes são contrárias, conservando-se com brio e segurança dentro da disciplina e da ordem.

A' frente desses movimentos improvizados vê-se alguem com um plano governativo, alguem de tradição brilhante, alguem que se imponha para fazer vingar uma ideia, que não póde seguir o seu curso pelo caminho normal? Não. Véem-se apenas grupos de civis com alguns militares, poucos, constituindo guerrilhas, que de noite levantam o susto na capital e que nem sequer levam um ministerio organizado, quanto mais um plano de realizações praticas e dignas de aplauso. Nem os proprios partidos, a que alguns pertencem, lhes dão solidariedade, nem tão pouco têm sido consultados. Apenas improvizações gizadas num café, ou num banco da Avenida, e executadas por individuos sem responsabilidades politicas, promovendo a balburdia, de que nunca poderá sair ordem alguma, seja de que genero fôr.

O portuguès mexidinho tem a valdade, tem a mania, de se julgar apto para tudo. Trata-se do inquilinato? Poucos ha que não tenham uma solução pronta. Trata-se da compressão de despesas? Logo acodem aos milhares os reformadores dos serviços publicos. Dum momento para outro improvizam-se estadistas, financeiros, estrategicos, competencias de capêlo e borla para quanto interessa a opinião do país. E é de entre os mais agitados destes amadores que saem as guerrilhas, cuja acção, se nos faz sorrir cá dentro, atira lá para fóra aspectos exagerados que nos prejudicam a reputação e o credito.

Ora o abuso audacioso destas arremetidas, levadas a efeito por um e outro visionario á mistura com gente de consciencia rôta, por onde sai o bem e entra o mal, pondo a vida de Lisboa em continuos solavancos, estas façanhas algumas vezes faceis de cometer e quasi sempre, felizmente, incertas de acabar, este exercicio desportivo de improvizados salvadores da patria têm de sofrer um termo para que não nos gastemos em preocupações daninhas. A salvação do país e o carrilamento de quanto anda fóra dos «rails» não é por este processo que se conseguem; pelo contrário, não lhes serve senão de maior embaraço. De ordem nas ruas e de tranquilidade nos espiritos é que precisamos para que a nação se revigore, ganhando confiança para a resolução das suas dificuldades, e dando-nos um conforto moral para que todos trabalhemos com o maior patriotismo, sem sonho de destruir só pelo proposito de destruir, na ausencia completa dum plano certo de reedificação.

Bem sabemos que a falta de coragem para arcar de frente com graves problemas governativos e o mal-estar resultante duma vida incomportavel com os recursos da grande maioria são elementos geradores de perturbação. Não cabe, porém, aos guerrilheiros da noite o encargo de os resolver, não tendo atrás de si vultos que valham pelas suas ideias, pela sua capacidade. Por isso, ao mesmo tempo que não se pode permitir o trabalho na sombra para a inquietação de toda uma cidade, é forçoso que se trabalhe ás claras para o ressurgimento nacional, pela aplicação de medidas sensatas que fortaleçam o regime e pela execução dum plano geral, onde as competencias tirem todas as veleidades ás incompetencias. Os governantes, sejam eles quais forem, têm de tomar esta decisão; aos improvizadores não devem ser consentidas as sucessivas tentativas de alteração da ordem publica, quasi semanalmente. Precisamos de dormir descansados, temos de nos deitar com a convicção de que não nos vêm perturbar o sono, de que o podemos seguir com descanso para na manhã seguinte entrarmos, de animo desafogado, nos nossos trabalhos. Os guerrilheiros da noite têm de acabar. Como? Pelo exemplo superior e pela acção das autoridades, sem exageros, mas eficaz.

Isto no caso, é claro, de se apurar que efectivamente entraram nas tentativas de perturbação da ordem, porque é muito possivel que, por exemplo, no assalto ao Castelo, se prove que... ninguem tomou parte nele e que os soldados e oficiais do 16 andaram a esgrimir com fantasmas.

Telef. — 365, 5... 2446 e 5310

FESTA

O REGRESSO DE SACADURA CABRAL

VINDO DE BORDEUS, O HEROICO AVIADOR ATERROU ONTEM NO CAMPO DA AMADORA

Como ele descreveu ao representante do "Diario de Noticias" as suas impressões de viagem

A ansiedade de Lisboa pelo regresso do comandante Sacadura Cabral, em viagem aerea da Holanda para Lisboa, recebeu ontem ampla satisfação. O ilustre oficial, que ali tinha ido adquirir cinco novos hidro-aviões para a nossa aviação maritima, tinha anunciado de Bordeus, onde fôra obrigado a aterrar, a sua partida para o campo da Amadora, onde realmente chegou apenas com um atrazo de 35 minutos sobre a hora anunciada, justificado pelos ventos contrários com que o aparelho teve de lutar, desde aquela cidade francesa, até Salamanca.

Muito antes da hora marcada para a chegada do aparelho, começaram a afluir ao Grupo de Esquadrilhas da Amadora muitos oficiais de terra e mar, muitas senhoras, representantes da imprensa, etc. A entrada no campo era rigorosamente proibida, estendendo-se uma fila de soldados, armados de espingardas, desde a entrada principal até ao campo, serviço superiormente dirigido pelo capitão sr. Gonçalves, que actualmente está dirigindo o Grupo de Esquadrilhas Republica. Graças a essa acertada medida, ficou o campo completamente livre de forma a poder facilitar uma aterragem sem dificuldades.

Quatro grandes fogueiras ardiam em quatro cantos, delimitando um enorme espaço quadrado. Os seus rolos de fumo, subindo em coluna para o céu, logo desfeita, serviriam ao arrojado aviador de indicação da direcção do vento.

Pelas 5 horas da tarde juntavam-se aos presentes os srs. ministro da Marinha e ajudantes, os adjuntos da Repartição do gabinete do ministerio da Guerra, major sr. Damasceno e tenente Wilton, general Adriano de Sá, comandante da 1.ª Divisão; almirante Gago Coutinho, comandante Cisneiros, comandante da Aeronautica Naval, 1.º tenente Ortins Bettencourt, segundo comandante do Centro da Aviação Maritima; capitão aviador Santos Leite, capitão Nobre, tenentes Caldas, Costa, Conceição, Ferreira, Rocha, etc. Entre as senhoras presentes figurava a esposa do tenente engenheiro sr. Eduardo Costa, que acompanhou até Lisboa o comandante Sacadura Cabral.

Quando o almirante Gago Coutinho chegou ao campo da aviação, o comandante sr. Conceição mandou formar uma guarda de honra ao ilustre aviador, destacando tambem um oficial que pôs ás suas ordens, mas o simpatico marinheiro tudo dispensou.

A ansiedade por noticias do aviador era enorme. Ao posto de T. S. F. de Monsanto eram pedidas insistentes noticias do aparelho, e indicava-se a conveniencia de expedir radios para varios pontos solicitando novas—Madrid, Portalegre, Castelo Branco, Tomar etc. Mas pela T. S. F. nada era possivel obter.

A primeira comunicação telegrafica—A chegada dos aviadores

Entretanto da Central Telegrafica, onde se encontrava como chefe de turno o sr. Mourão, os aparelhos funcionavam para varios pontos da França, Espanha e Portugal. Como um desses aparelhos, de sistema Bondou, funciona directamente com Bordeus, veio dali relativamente cedo a noticia de que o avião tinha levantado vôo pelas 9 horas da manhã. Depois das 4 horas da tarde foram sendo recebidas novas informações daquela estação, notificando que o aparelho passára sobre Sabugal, não apontando porém, a que horas, que voára sobre o Fundão ás 4 da tarde e que, uma hora depois passára sobre Santarem, em direcção a Lisboa. Assim que esta informação telefonica chegou ao campo da Aviação, pelas 5 horas e um quarto, todas as pessoas que se encontravam proximo das dependencias dos oficiais, correram persurosas para a pista. Os fotografos preparavam as suas maquinas, e as pessoas portadoras de binoculos logo os assestavam para o horizonte.

Não mentiam os telegramas. Poucos minutos tardaram que não se desenhasse muito ao longe a silhueta elegante do avião. Vinha do lado norte. E rapidamente se aproximava, mostrando agora toda a sua imponencia, vindo a fazer com a maior felicidade uma bela aterragem no meio das entusiasticas manifestações da assistencia.

Todos corriam atrás do aparelho, que rodava pelo campo, e logo alguns soldados o seguraram, ainda com a helice a trabalhar, enquanto o comandante Sacadura e o seu companheiro recebiam os primeiros efusivos cumprimentos do ministro da Marinha, dos representantes do ministro da Guerra, comandante da 1.ª divisão, almirante Gago Coutinho e comandante Cisneiros.

Estes senhores foram convidados a subir ao aparelho para examinarem os motores, ouvindo atentamente pormenorizadas explicações do comandante Sacadura. O aparelho, que fica sendo o maior dos que possui a nossa aviação, é pintado de escuro, tendo as azas de uma madeira especial muito fina em vez de tela. Debaixo delas destaca a mancha vermelha da Cruz de Cristo e na cauda figuram as côres nacionais.

O aparelho, que aterrou ás 5 horas e 35 minutos passou a ser vigiado por praças ao serviço no Campo da Aviação. Depois dos muitos cumprimentos o sr. Sacadura Cabral, que envergava um fato de ganga azul com os galões de capitão de mar e guerra, e o tenente Costa, que vestia o seu uniforme, dirigiram-se para as suas residencias.

Uma entrevista com Sacadura Cabral—Como o heroico aviador descreve a sua viagem

A' hora do jantar, num dos principais restaurantes da Baixa, encontrámo-nos com o comandante sr. Sacadura Cabral, que estava acompanhado pelos srs. almirante Gago Coutinho e comandante Cisneiros. E solicitando-lhe a descrição da sua viagem para os leitores do «Diario de Noticias», eis como ele amavelmente a fez, tanto quanto possivel fielmente reproduzida:

A distancia de Amsterdão a Lisboa é de 2.000 quilometros. Com a velocidade do cruzeiro, a uma media de 130 quilometros á hora essa viagem póde ser feita em 15 horas e meia. Devido a ventos contrarios estivemos retidos 10 dias em Amsterdão. Dali saimos na terça-feira ultima, lutando o aparelho com os mesmos ventos contrarios e com nevoeiros a tal ponto densos que, ao voarmos sobre Bruxelas ,tivémos de baixar a uns 100 metros.

«Traziamos já de Amsterdão 9 hora e meia de viagem e aproximavamo-nos de Bordeus. E' preciso explicar que a hora holandesa difere da nossa 20 minutos para mais. O vento cada vez soprava mais violento e por isso resolvi aterrar no aerodromo de Bordeus bem contrariado por não conseguir realizar a viagem directa até Lisboa. Ainda pensei avançar até Madrid mas além do receio dos ventos fortes quis vêr o que era a historia de uma gotas de qualquer liquido que brilhava na fuselagem; Oleo? Gasolina? Agua?...

«Aterrámos pois em Bordeus. Excelente aterragem. O aparelho continuava a portar-se bem. Está claro que mal puz o pé em terra tratei logo de examinar o motor. E verifiquei que na bomba de agua existia uma fuga e que a cabeça duma valvula estava partida. Este incidente devia ter ocorrido sobre as florestas de Compiègne, proximo de Paris. Foi desse ponto em diante que o motor começou a fraquejar.

Ao desmontá-lo deparei com uma coisa extraordinaria e quasi inacreditavel: A valvula que pertencia ao segundo cilindro, do lado esquerdo, andou passeando durante largo tempo, indo parar ao sexto cilindro, onde foi encontrada amolgadissima! Imediatamente telegrafei para Lisboa contando o sucedido e pedindo com toda a urgencia que me enviassem pelo «sud-express» um cilindro novo.

«Efectivamente, devido á grande actividade e boa vontade dos srs. comandante Cisneiros e 1.º tenente Ortins Bettencourt, recebi com toda a brevidade a peça que tinha requisitado, de fórma que na tarde de quinta-feira já a tinha em Bordeus. Tratou-se da montagem, que demorou algum tempo, metemos mais gazolina e hoje, pelas 9 horas da manhã levantavamos vôo para Lisboa. Saimos com bom tempo, mas com vento contrario até ás alturas de Salamanca. Sobre os Pireneus voámos a uns 1.000 metros de altura. Durante algum tempo fui seguindo a linha ferrea espanhola, mas abandonei-a pelas alturas de Ciudade Rodrigo, visto que vinha em linha recta para Lisboa.

«Embora o aparelho possa atingir a velocidade maxima de 160 quilometros, o andamento regulou entre 125 a 130 á hora. O panorama disfrutado sobre o Vale de Zezere é encantador. Viémos em direcção a Santarem, passámos proximo de Monsanto, voámos sobre algumas avenidas novas, até que seguimos á Amadora.

—Como vêm os outros aparelhos?

—Pelo ar, á excepção de um que já está encaixotado. Cada embalagem custa 250 libras, porque cada aparelho, que tem a envergadura de 21 metros e meio, ocupa o espaço de 200 metros cubicos, isto sem os flutuadores.

—O comandante sempre tenciona dar a volta ao mundo?

—Sim, senhor. Mas para isso são precisas 30.000 libras. E' triste dizê-lo, mas é forçoso confessá-lo—sem dinheiro nada se pode fazer...

Telegramas do percurso

Os nossos solicitos correspondentes enviaram-nos os seguintes telegramas de alguns pontos do percurso:

FUNDAO, 30, ás 2,20.—Acaba de passar um aeroplano que julgamos ser o de Sacadura Cabral em viagem para Lisbôa.

SERNACHE DO BOMJARDIM, 30, ás 4,30.—Passa neste momento um aeroplano. E' o primeiro que vôa sobre esta terra.

SERTA, 30, ás 4,40.—Passou um aeroplano que se supõe seja o de Sacadura Cabral.

SABUGAL, 30, ás 5,55.—Causou enorme sensação a passagem de um aeroplano, pelas 3 horas da tarde, que se julga ser tripulado pelo glorioso aviador Sacadura Cabral.



O comandante Sacadura Cabral e o engenheiro maquinista Ernesto Costa pouco depois da «aterrissage»



As causas do acidente ainda não foram divulgadas.

AMIN CHAAR

Luto nacional por acidente que mata militares da GNR. Buscas continuam hoje

TRAGÉDIA Quatro mortos confirmados e um desaparecido são o balanço do acidente que aconteceu ontem em Peso da Régua. O piloto foi resgatado com vida, mas ferido. Marcelo e Montenegro consternados.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

Um helicóptero de combate a incêndios caiu na tarde de ontem na zona de Peso da Régua, quando regressava do combate a um fogo em Baião. Dos seis ocupantes do veículo, piloto e cinco militares da GNR, só o piloto sobreviveu. Entre os restantes, quatro foram encontrados já sem vida e ainda há um desaparecido.

O primeiro-ministro, Luís Montenegro, dirigiu-se ao local, onde se reuniu com as autoridades. Embarcou numa lancha de busca e, durante 32 minutos, percorreu as margens do rio com uma das equipas de socorro.

Mais tarde, confrontado com críticas que apontavam para a possibilidade de ter condicionado a ação das autoridades, o primeiro-ministro rejeitou que a sua presença tenha sido "motivo de alguma perturbação nas operações de busca". "Eu cumpro a minha obrigação de representar o Governo da República Portuguesa, representar os portugueses, poder acompanhar aquilo que foi e é um episódio triste", justificou.

Também o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, esteve no local, depois de ter cancelado a sua agenda.

Luís Montenegro anunciou ainda que foi decretado um dia de luto nacional para hoje, o que foi confirmado pela Presidência da República numa nota oficial.

As causas do acidente ainda não foram divulgadas, no entanto, fontes aeronáuticas confirmaram à Lusa que o helicóptero foi obrigado a amarar no rio Douro. A informação foi confirmada pela Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil (ANEPC).

> *Hoje é um dia muito, muito triste para Portugal (...) Creio que a presença do primeiro-ministro não foi motivo de nenhuma perturbação nas operações de busca.*
>
> ***Luís Montenegro***
> *Primeiro-ministro*

Segundo a ANEPC, "foram de imediato enviados meios de socorro para o local para local". "O piloto foi resgatado com vida e a está a ser avaliado por equipa médica", referiu ainda esta Autoridade.

O helicóptero acidentado, do modelo AS350 - Écureuil, é operado pela empresa HTA Helicópteros, sediada em Loulé, Algarve.

O DN apurou que os militares da GNR que iam a bordo do helicóptero eram: Pedro S., 45 anos, casado, dois filhos; António P., 36 anos, casado, com um filho; Fábio P., 34 anos, três filhos; Daniel P., 35 anos, dois filhos. A pessoa que está desaparecida é Tiago P., 29 anos, solteiro.

Segundo informações da GNR, os militares pertenciam às equipas helitransportadas da UEPS - Unidade de Emergência de Proteção e Socorro, cuja missão consiste "em efetuar a primeira intervenção em incêndios nascentes, fazendo-se deslocar de helicóptero para ao teatro de operações." "Esta equipa helitransportada, ou secção para o caso de meio aéreo médio, é constituída por cinco, oito ou doze militares, e está equipada com material sapador para efetuar combate direto", acrescenta a Guarda.

O helicóptero e os seis elementos da equipa tinham participado no combate a um incêndio rural em Gestaçô, Baião, e regressavam ao Centro de Meios Aéreos em Armamar. Pertencem ao Pelotão de Intervenção de Proteção e Socorro de Armamar da Companhia de Intervenção de Proteção e Socorro de Vila Real.

No *briefing* final, ontem à noite, o comandante Silva Lampreia, da Marinha, confirmou que as buscas subaquáticas foram interrompidas por não haver condições de visibilidade que garantissem a segurança das operações, acrescentando que estas serão retomadas ao nascer do sol.

No entanto, as buscas nas margens vão manter-se durante a noite para resgatar o militar desaparecido, pela possibilidade de "estar vivo e a precisar de ajuda".

"Não vamos descansar enquanto não encontrarmos o camarada que está desaparecido", assegurou.

Governo admite reavaliar apoios a professores

O Governo garante que o apoio financeiro a professores colocados longe de casa, em escolas onde é difícil encontrar docentes, vai entrar em vigor em setembro, mas prometeu reavaliar a proposta tendo em conta as sugestões dos sindicatos. A proposta apresentada ontem pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação (MECI) aos sindicatos prevê a atribuição de uma verba entre os 75 e os 300 euros mensais aos professores colocados em escolas a mais de 70 quilómetros de casa e onde há alunos que ficaram mais de 60 dias sem aulas. "Em função da discussão que tivemos aqui hoje (ontem), vamos repensar como é que esse apoio será dado", anunciou o ministro Fernando Alexandre, no final de uma reunião de várias horas com os sindicatos representativos da classe docente.

Para a Federação Nacional de Professores (Fenprof), os valores são baixos e "não vão atrair pessoas", tendo em conta que ficar a 70 quilómetros de casa poderá significar fazer uma viagem diária de 140 quilómetros e que os 75 euros significam "apenas dois euros por dia", disse o secretário-geral da federação sindical, Mário Nogueira. Do lado dos sindicatos, as críticas passam pela falta de equidade, já que poderá haver dois docentes colocados na mesma escola, que fazem a mesma viagem, mas em que apenas um recebe o apoio, porque dá aulas a uma disciplina em que é difícil encontrar professores. "Tem de haver um tratamento equitativo para todos", sublinhou a Federação Nacional da Educação (FNE).



DN

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

